



ARAUTOS DO EVANGELHO

Número 204-206
Maio-Julho 2020

Diretor: Manuel de Abreu / Periodicidade mensal / Assinatura: 24€

*Nada temas,
confia em Mim*

*Flashes
de Fátima*



Santificado pela palavra de Maria

Um dos meios bonitos de conhecermos o espírito e o Imaculado Coração de Maria consiste em estudar a vida de São João Batista. Por ter sido ele santificado no seio de Santa Isabel pela palavra de Nossa Senhora, vê-se que Ela comunicou-lhe ali, misteriosamente, o espírito d'Ela. E tudo quanto o Precursor realizou em sua vida era uma decorrência dessa graça inicial recebida e constantemente intensificada, pelos rogos d'Ela.

Podemos, então, ver São João Batista enquanto asceta austero, pregador do Cordeiro de Deus que viria, e como herói que enfrenta Herodes e morre como mártir, sublime de grandeza e de serenidade. É uma das facetas do espírito de Nossa Senhora.

Plínio Corrêa de Oliveira



Flashes de Fátima

Boletim da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXII n.º 204-206 - Maio-Julho 2020

Director:

Manuel Silvío de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Ir. Guy Gabriel de Ridder, EP;
Ir. Juliane Vasconcelos A. Campos, EP;
Severiano Antonio de Oliveira

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. de Berna 30, 2.º E
1050-042 Lisboa
N.º ERC. 120.975

Dep. Legal n.º 112719/97

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

www.arautos.pt / www.arautos.org
E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 30.000 exemplares

SUMÁRIO

Escrevem os leitores	4		Somos a artilharia de Deus!	34	
Eucaristia, coração da Igreja (Editorial)	5		A voz dos Papas – O Mistério da Santíssima Eucaristia	6	
	Comentário ao Evangelho – O Reino de Deus, um reino de luta!	8		Arautos no mundo	40
	Cristo em nós pela Sagrada Eucaristia	14		Aconteceu na Igreja e no mundo	43
	Jesus está aí: por que dviduar?	18		História para crianças... O leão e a formiga	46
	Comentários à Salve Regina – Divina música das harmonias mariais	20		Os Santos de cada dia	48
	Quem é o "autor" da devoção a Nossa Senhora?	28		Palácio ou caverna?	50
	São Bonifácio de Mogúncia – Pai dos povos germânicos	30			



Revista Arautos do Evangelho online

Tenha acesso ao conteúdo
da revista diretamente
de seu celular.

Acesse: revistacatolica.pt



ESCREVEM OS LEITORES



SINTO-ME APOIADA PELO QUE VÓS OFERECEIS

Sou professora, casada e com filhos; leio vossa Revista há algum tempo, porque a considero de fato muito bela e edificante, com características gráficas e, sobretudo, de conteúdo, que é muito difícil encontrar atualmente na imprensa católica!

Aprecio muitíssimo a impositação das matérias, que tratam sempre de um tema existencial, ou seja, de uma visão do Cristianismo não reduzível apenas ao aspecto horizontal, mas que versa sobre o significado da vida e da morte e, portanto, propõe um Cristianismo baseado precisamente em... Cristo! Parece evidente, mas hoje, muitas vezes, “esquece-se” d’Ele, para fazer coisas que podem ser boas, porém não têm raízes na profundidade da vida interior de cada um.

Desculpai-me pela longa introdução, feita apenas para dizer que me sinto apoiada pelo que vós ofereceis nas páginas da Revista, pelas histórias edificantes, pela vida dos Santos, apresentando-os, não de modo a estarem por demais longe de nós, mas acentuando precisamente as dificuldades da vida deles e a “solução” que souberam encontrar na oração, no abandono e em resumo... na verdadeira Fé. Estou escrevendo exatamente porque gostaria de perguntar como poderei obter todas as vidas de Santos já publicadas na revista. Sei que existem livros como os do Pe. Sicari, mas o que eu desejo mesmo são os vossos artigos! Onde encontrá-los? Posso recebê-los por e-mail ou encontrá-los em algum outro lugar?

Obrigada pelo bem que fazeis e sigam em frente!

*Maria Cardone
Bari – Itália*

“O ENCONTRO DE DOIS OLHARES”

Ao ler a revista *Arautos do Evangelho*, pude perceber quanto são maravilhosos os pensamentos que ela traz, para que possamos seguir no caminho do bem. Ela nos ajuda a entender muitas coisas, pequenos detalhes que às vezes não notamos, nem paramos para pensar ou refletir no quão grande e belo é servir a Deus. E lendo esta Revista me despertou na alma um forte desejo de servir a Ele cada vez mais.

Também é bom ver como os *Arautos* estão crescendo e se espalhando pelo mundo inteiro, sempre fazendo o bem a todos por amor a Cristo, despertando, assim, o gosto de muitas pessoas para praticar o bem e ser como os *Arautos*, fazendo tudo por amor.

Lembro-me de uma matéria da Revista que me chamou a atenção, há algum tempo atrás, que tinha como título “O encontro de dois olhares”... Mostrava como é bela a comunicação humana através da troca de olhares, exemplificando com os olhares de Nossa Senhora e Jesus Cristo, com tanto amor, que não dá para descrever por palavras.

*Joice Priscila de Araújo
Osasco – Brasil*

JOVENS SEMPRE SORRIDENTES E BEM ATAVIADOS

Quanto às vossas revistas, todos os artigos são dignos de menção, pois seus autores parecem ser inspirados pelo Espírito Santo, Deus Pai e Deus Filho, e nota-se que há muito trabalho e dedicação. A todos um agradecimento. A Revista de fevereiro passado pareceu-me ainda mais digna de destaque, com os seus artigos simples e de boa compreensão, de caráter bastante religioso, os quais ficaram na minha mente. Vou lê-la de novo, para melhor compreensão.

Admiro todos os vossos trabalhos na educação de tantos jovens e adul-

tos, sempre sorridentes e bem ataviados, com um caráter digno e humano. Oxalá perdurem para sempre e se espalhem por outros países.

*José Moreira Ribeiro
Tomar – Portugal*

FOTOS, INFORMAÇÕES E DEVOÇÕES INSPIRADORAS

Suas revistas são de primeira categoria. Estão ilustradas com fotos lindas, cheias de membros da associação em atitude reverente, complementadas com páginas de informações e devoções, tudo muito inspirador.

Depois de ler cada edição, faço questão de compartilhá-la com os membros de minha paróquia.

*Fabiola Bonome
Upland (CA) – Estados Unidos*

“OBRIGADO MONS. JOÃO!”

Para mim esta Revista é um verdadeiro Catecismo para os tempos atuais. Precisamos propagá-la mais! Obrigado, *Arautos*! Obrigado Mons. João Scognamiglio Clá Dias por esse trabalho tão precioso, que nós amamos tanto, e que é feito pelo mudo inteiro.

*Ediberto de Moraes Nascimento
Italva – Brasil*

MINHA VIDA ESPIRITUAL MELHOROU

Agradeço a Deus pelo magnífico trabalho dos *Arautos*. Sinto-me abençoada por receber a revista *Arautos do Evangelho*.

Desde que comecei a lê-la, minha vida espiritual melhorou. O Senhor me favoreceu com tantas coisas boas! Minhas orações nunca ficam sem resposta e eu O louvo todos os dias por sua bondade. Vocês estão fazendo um ótimo trabalho publicando a revista *Arautos do Evangelho*. Adiante com esta boa obra!

*Theresa Logan
Ajax – Canadá*

EUCARISTIA, CORAÇÃO DA IGREJA

Edificada por Nosso Senhor Jesus Cristo, a Igreja depende inteiramente da vida de seu Divino Fundador, da qual os homens participam por meio dos Sacramentos. A vitalidade do Corpo Místico reside na graça que eles transmitem, sobretudo através da Sagrada Eucaristia.

Ardorosíssimo devoto deste Sacramento, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira afirmava ser graças à misteriosa presença de Nosso Senhor nas Sagradas Espécies “que a História do mundo se desenvolve, a virtude cresce e a Igreja se expande, e se expande até quando parece minguar” (*Conferência*, 3/4/1969). Ele estava também convencido de que bastava “um padre para dizer Missa, uma Hóstia consagrada e um fiel com fé e devoção a esta Hóstia” (*Conversa*, 4/10/1988) para que se tornasse possível, não apenas uma restauração da sociedade, mas o surgimento de maravilhas novas, superiores a todas as que outrora existiram.

Apoiando-se em teólogos de renome, Dr. Plínio explicava que “o Sacrifício da Missa tem um valor de tal maneira inapreciável e infinito, ao pé da letra, que, se em determinado dia ele deixasse de ser celebrado, a justiça de Deus cairia sobre o mundo e destruiria todas as coisas” (*Conferência*, 8/4/1971).

Essa certeza lhe fez concluir que o ponto verdadeiramente vital da luta entre o bem e o mal “está em que sejam celebradas muitas Missas, e que sejam celebradas adequadamente pelos sacerdotes, bem como dela participem, também adequadamente, os fiéis” (*Conversa*, 22/8/1988). Se no mundo houvesse muita devoção eucarística a sociedade seria outra, pois tudo depende, em última análise, de nosso amor a Deus, o qual se demonstra precisamente nos momentos de dificuldade.

Hoje, enquanto se multiplicam as insatisfações sociais e as preocupações com a mudança climática, quem procura avaliar como está nossa devoção ao Santíssimo Sacramento? Temos ainda Nosso Senhor como centro vital de nossa existência, ou vamos nos acostumando, com indiferença, a um mundo sem Jesus Cristo e sem vida sobrenatural?

Após realizar tal questionamento, poderíamos ainda nos perguntar: não teria Ele muito a Se queixar de nosso tempo? Lembremos que um dos sinais precursores do castigo de Deus é sua retirada do meio dos homens, atendendo aos tristes anelos destes de viverem num plano meramente terreno...

Ora, se o poder da Eucaristia é infinito e constitui a verdadeira vida da Igreja, todos os acontecimentos hão de gravitar em torno deste Sacramento. Assim, por mais que diminua o número de seus autênticos devotos, o relógio de Deus e da História dependerá sempre das almas fiéis, firmes e fervorosas: aquelas que amam com ardor a Sagrada Eucaristia.

Não estaremos nós vivendo, então, nestes tempos tão conturbados, a realização do sonho profético de São João Bosco, que via a salvação da Igreja na dupla devoção eucarística e mariana? ✧



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, celebra a Santa Missa na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, 3/4/2010

Foto: Sérgio Miyazaki



O Mistério da Santíssima Eucaristia



É necessário que todos os fiéis tenham por seu principal dever e suma dignidade participar do santo Sacrifício Eucarístico, com tal empenho e fervor que sejam colocados em contato íntimo com o Sumo Sacerdote.

O mistério da Santíssima Eucaristia, instituída pelo Sumo Sacerdote Jesus Cristo e, por vontade sua, perpetuamente renovada pelos seus ministros, é como a súpula e o centro da Religião Cristã. Em se tratando do ápice da Sagrada Liturgia, julgamos oportuno, veneráveis irmãos, deter-nos um pouco, chamando a vossa atenção para esta importantíssima temática. [...]

Verdadeiro e próprio sacrifício

O augusto sacrifício do altar não é uma pura e simples comemoração da Paixão e Morte de Jesus Cristo, mas é um verdadeiro e próprio sacrifício, no qual, imolando-Se incruentamente, o Sumo Sacerdote faz aquilo que fez uma vez sobre a Cruz, oferecendo-Se todo ao Pai como Vítima agradabilíssima. [...]

Idêntico, pois, é o Sacerdote, Jesus Cristo, cuja sagrada presença é representada pelo seu ministro. Este, pela consagração recebida, assemelha-se ao Sumo Sacerdote e tem o poder de agir em virtude e na pessoa do próprio Cristo; por isso, de certo modo, “empresta a Cristo a sua língua, e Lhe oferece a sua mão”.¹

Também idêntica é a Vítima, isto é, o Divino Redentor, segundo a sua humana natureza e na realidade do seu Corpo e do seu Sangue. Diferen-

te, porém, é o modo pelo qual Cristo é oferecido.

Na cruz, com efeito, Jesus entregou-Se todo a Deus com os seus padecimentos, e a imolação da Vítima foi realizada por meio de morte cruenta livremente sofrida; no altar, pelo contrário, por causa do estado glorioso de sua natureza humana, “a morte não tem mais domínio sobre Ele” (Rm 6, 9) e, por conseguinte, não é possível a efusão do sangue; mas a Divina Sabedoria encontrou o modo admirável de tornar manifesto o sacrifício de nosso Redentor com sinais exteriores que são símbolos de morte.

Já que, por meio da transubstanciação do pão e do vinho têm-se realmente presentes o Corpo e o Sangue de Cristo; as espécies eucarísticas, sob as quais está presente, simbolizam a cruenta separação do Corpo e do Sangue. Assim, o memorial da sua real morte sobre o Calvário repete-se sempre no Sacrifício do Altar, porque, por meio de símbolos distintos, significa-se e demonstra-se que Jesus Cristo Se encontra em estado de vítima.

Louvor, expiação, impetração e ação de graças

Idênticos, finalmente, são os fins, dos quais o primeiro é a glorificação de Deus. Do nascimento à morte, Jesus Cristo foi abrasado pelo zelo da glória divina e, da Cruz, a oferenda

do Sangue chegou ao Céu em odor de suavidade. E porque este cântico não havia de cessar, no sacrifício eucarístico os membros se unem à Cabeça divina e, com ela, com os Anjos e os Arcanjos, cantam a Deus louvores perenes, dando ao Pai onipotente toda honra e glória.

O segundo fim é a ação de graças a Deus. Somente o Divino Redentor, como Filho de predileção do Eterno Pai, de quem conhecia o imenso amor, pôde entoar-Lhe um digno cântico de ação de graças. A isso visou e desejou “rendendo graças” (Mc 14, 23) na Última Ceia, e não cessou de fazê-lo na Cruz. Tampouco cessa de realizá-lo no augusto sacrifício do altar, cujo significado é justamente a ação de graças ou Eucaristia. Porque isso é “verdadeiramente digno, é justo e salutar”.²

O terceiro fim é a expiação e a propiciação. Certamente ninguém, fora Cristo, podia dar ao Deus onipotente satisfação adequada pelas culpas do gênero humano; quis Ele, pois, imolar-Se na Cruz, “propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas ainda pelos de todo o mundo” (I Jo 2, 2). Nos altares Se oferece igualmente cada dia pela nossa redenção, afim de que, libertados da eterna condenação, sejamos acolhidos no rebanho dos eleitos. E isso não só por nós que estamos nesta vida mortal, como também “por to-

dos aqueles que repousam em Cristo, os quais nos precederam com o sinal da Fé e dormem o sono da paz”,³ pois, quer vivamos, quer morramos, “não nos separamos do único Cristo”.⁴

O quarto fim é a impetração. Filho pródigo, o homem malbaratou e dissipou todos os bens recebidos do Pai celeste, e por isso está reduzido à suprema miséria e inanição; da Cruz, porém, Cristo, “tendo em alta voz e com lágrimas oferecido orações e súplicas [...] foi ouvido pela sua piedade” (Hb 5, 7), e nos sagrados altares exercita a mesma mediação eficaz, a fim de que sejamos cumulados de toda bênção e graça. [...]

A salvação flui da Cabeça para os membros

Pode-se dizer que Cristo construiu no Calvário uma piscina de purificação e de salvação e a encheu com o Sangue por Ele derramado; mas se os homens não mergulham nas suas ondas e aí não lavam as manchas de sua iniquidade, não podem certamente ser purificados e salvos. A fim de que, pois, os pecadores individualmente se purifiquem no Sangue do Cordeiro, é necessária a colaboração dos fiéis. Se bem que, falando em geral, Cristo haja reconciliado com o Pai todo o gênero hu-

mano por meio da sua morte cruenta, quis todavia que todos se aproximassem e fossem conduzidos à Cruz por meio dos sacramentos e do sacrifício da Eucaristia, para poderem conseguir os frutos salutares por Ele ganjeados no Calvário.

Com esta atual e pessoal participação, assim como os membros se configuram cada dia mais à sua Cabeça divina, assim também a salvação que vem da Cabeça flui para os membros, de modo que cada um de nós pode repetir as palavras de São Paulo: “Estou crucificado com Cristo na Cruz, e vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim” (Gl 2, 19-20).

Como realmente dissemos, de propósito e concisamente, em outra ocasião, enquanto Jesus Cristo morria na Cruz Ele dava à sua Igreja, sem nenhuma cooperação da parte dela, o imenso tesouro da Redenção; quando, no entanto, se trata de distribuir tal tesouro, não só o faz com a participação de sua incontaminada esposa na obra de santificação, mas deseja ainda que tal atividade jorre, de certo modo, por ação dela.

Jamais cesse nosso hino de glorificação e ação de graças

O augusto sacrifício do altar é insigne instrumento para aos cren-

tes distribuir os méritos derivados da Cruz do Divino Redentor: “toda vez que se oferece este sacrifício, cumpre-se a obra da nossa Redenção”.⁵

Isso, porém, longe de diminuir a dignidade do sacrifício cruento, dele faz ressaltar a grandeza, como afirma o concílio de Trento,⁶ e lhe proclama a necessidade. Renovado cada dia, admoesta-nos que não há salvação fora da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Gl 6, 14), e que Deus quer a continuação deste sacrifício “do surgir ao pôr do sol” (Mt 1, 11), para que não cesse jamais o hino de glorificação e de ação de graças que os homens devem ao Criador, visto que têm necessidade de seu contínuo auxílio e do Sangue do Redentor para redimir os pecados que ofendem a sua justiça.

É necessário, pois, veneráveis irmãos, que todos os fiéis tenham por seu principal dever e suma dignidade participar do santo Sacrifício Eucarístico, não com assistência passiva, negligente e distraída, mas com tal empenho e fervor que sejam colocados em contato íntimo com o Sumo Sacerdote, como diz o Apóstolo: “Tende em vós os mesmos sentimentos que Jesus Cristo experimentou” (Fl 2, 5), oferecendo este Sacrifício com Ele e por Ele, santificando-se com Ele. ✠

Excertos de: PIO XII.
Mediator Dei, 20/11/1947



Deus quer a continuação do Santo Sacrifício “do surgir ao pôr do sol” (Mt 1, 11)

Acima: O Papa Pio XII proclama o Dogma da Assunção, em 1/11/1950; na página anterior; retrato do mesmo Papa - Nunciatura Apostólica no Paraguai

¹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. *In Ioannem*. Homilia LXXXVI, n.4.

² MISSAL ROMANO. Prefácio.

³ MISSAL ROMANO. Cânion Romano.

⁴ SANTO AGOSTINHO. *De Trinitate*. L.XIII, c.19.

⁵ MISSAL ROMANO. Secreta do Dom. IX depois de Pentecostes.

⁶ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO. *Sessão XXII*, c.2; cân.4.

EVANGELHO

Naquele tempo, ²⁴ Jesus contou outra parábola à multidão: “O Reino dos Céus é como um homem que semeou boa semente no seu campo. ²⁵ Enquanto todos dormiam, veio seu inimigo, semeou joio no meio do trigo e foi embora. ²⁶ Quando o trigo cresceu e as espigas começaram a se formar, apareceu também o joio. ²⁷ Os empregados foram procurar o dono e lhe disseram: ‘Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde veio então o joio?’ ²⁸ O dono respondeu: ‘Foi algum inimigo que fez isso’. Os empregados lhe perguntaram: ‘Queres que vamos arrancar o joio?’ ²⁹ O dono respondeu: ‘Não! Pode acontecer que, arrancando o joio, arranquemos também o trigo. ³⁰ Deixai crescer um e outro até a colheita! E, no tempo da colheita, direi aos que cortam o trigo: arrancai primeiro o joio e amarrai-o em feixes para ser queimado! Recolhei, porém, o trigo no meu celeiro!’”

³¹ Jesus contou-lhes outra parábola: “O Reino dos Céus é como uma semente de mostarda que um homem pega e semeia no seu campo. ³² Embora ela seja a menor de todas as sementes, quando cresce fica maior do que as outras plantas. E torna-se uma árvore, de modo que os pássaros vêm e fazem ninhos em seus ramos”.

³³ Jesus contou-lhes ainda outra parábola: “O Reino dos Céus é como o fermento que uma mulher pega e mistura com três porções de farinha, até que tudo fique fermentado”.

³⁴ Tudo isso Jesus falava em parábolas às multidões. Nada lhes falava sem usar parábolas, ³⁵ para se cumprir o que foi dito pelo profeta: “Abrirei a boca para falar em parábolas; vou proclamar coisas escondidas desde a criação do mundo”.

³⁶ Então Jesus deixou as multidões e foi para casa. Seus discípulos aproximaram-se d’Ele e disseram: “Explica-nos a parábola do joio!” ³⁷ Jesus respondeu: “Aquele que semeia a boa semente é o Filho do Homem. ³⁸ O campo é o mundo. A boa semente são os que pertencem ao Reino. O joio são os que pertencem ao maligno. ³⁹ O inimigo que semeou o joio é o diabo. A colheita é o fim dos tempos. Os ceifeiros são os Anjos. ⁴⁰ Como o joio é recolhido e queimado ao fogo, assim também acontecerá no fim dos tempos: ⁴¹ o Filho do Homem enviará os seus Anjos e eles retirarão do seu Reino todos os que fazem outros pecar e os que praticam o mal; ⁴² e depois os lançarão na fornalha de fogo. Aí haverá choro e ranger de dentes. ⁴³ Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai. Quem tem ouvidos, ouça” (Mt 13, 24-43).



Detalhe de uma gravura de Jacob Matham e Abraham Bloemaert (c.1652)

Reprodução

O Reino de Deus, um reino de luta!

Os filhos da luz, vigilantes em relação ao inimigo que semeia o joio à sua volta e no seu interior, devem sobretudo confiar na força da graça, a qual faz os bons crescerem e se fortalecerem em meio aos combates.



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – A PRUDÊNCIA NO COMBATE AO MAL

Deus revela os mistérios do Reino aos pequeninos, diz a aclamação ao Evangelho deste 16º Domingo do Tempo Comum (cf. Mt 11, 25), indicando-nos a perspectiva da qual devemos analisar as três parábolas nele contidas. Nesse contexto a palavra “pequeninos” não se refere às crianças, nem a pessoas sem importância ou de inteligência diminuta, mas àqueles que sabem reconhecer a infinita distância existente entre a condição de criatura e a onipotência de Deus, e vivem na alegria de depender inteiramente d’Ele.

Quem tem essa postura de alma compreende com facilidade os elevados princípios que, no trecho de São Mateus selecionado pela Liturgia, Nosso Senhor nos transmite através de figuras simples, tiradas da realidade comum e corrente daquela época: o joio e o trigo, o grão de mostarda e o fermento.

A primeira parábola, narrada à multidão e explicada mais tarde aos discípulos, às vezes é objeto de uma interpretação absurda, fruto da falta

de estudo e meditação ou, quiçá, da pouca atenção prestada às inspirações da graça. Segundo entendem alguns, a imagem do joio arrancado do campo apenas na hora da colheita teria sido empregada pelo Divino Mestre para demonstrar a inutilidade de qualquer combate ao mal por parte dos bons. Entretanto, o que Jesus ressalta nesta passagem é a necessidade de sermos vigilantes em face do inimigo, o qual nunca desiste do intuito de nos perder, e de lidarmos com ele de maneira prudente, aguardando o momento mais adequado para extirpá-lo, como ficará claro à continuação.

Ao considerarmos a lição de paciência e prudência contida nessa parábola, com frequência surge a pergunta: por que Deus permite a existência do mal junto aos bons? Entre outras razões, porque se trata de uma condição essencial ao estado de prova, tanto para os homens quanto para os Anjos. É o que sugere a oração perfeita, ensinada pelo Salvador: quando rezamos o Pai-Nosso pedimos a graça de jamais sucumbir às tentações, mas não suplicamos que elas cessem.

Com frequência surge a pergunta: por que Deus permite a existência do mal junto aos bons?



Além de nos proporcionarem a oportunidade de adquirir méritos pela resistência e perseverança, as tentações são elemento indispensável para que certos aspectos da grandeza de Deus se manifestem. Ele tirou do nada o universo para a sua própria glória, desejando levar as criaturas inteligentes, Anjos e homens, a participarem de sua infinita felicidade. Antes, porém, cada uma deve ser submetida à prova, em função da qual o Criador mostrará sua misericórdia e justiça concedendo-lhe o prêmio ou o castigo; em outras palavras, o Céu ou o inferno tão claramente descritos nos versículos finais do Evangelho de hoje.

Forma-se, assim, um quadro em que se destaca o papel imprescindível da luta para a santificação dos filhos da luz. Luta guiada pela virtude da prudência, a qual indica o caminho mais curto e eficaz, todo feito de sabedoria, para se alcançar o fim.

A partir desse prisma sobrenatural, analisemos cada uma das parábolas.

II – TRÊS LIÇÕES DE LUTA E DE CONFIANÇA NA FORÇA DA GRAÇA

Conforme registra São Mateus no início do seu capítulo 13, Nosso Senhor contou as parábolas sobre o Reino no mesmo dia em que discutira com os escribas e fariseus a propósito da cura de um possesso cego e mudo (cf. Mt 12, 22-45). Nessa ocasião, Ele ressaltou a gravidade do pecado contra o Espírito Santo e profetizou a condenação daquela “geração adúltera e perversa” (12, 39); ademais, esclareceu o povo a respeito de

sua predileção pelos que fazem a vontade do Pai, apontando para os discípulos e dizendo: “Eis aqui minha mãe e meus irmãos” (12, 49).

A seguir, narra o Evangelista que Jesus “saiu e sentou-Se à beira do lago” (13, 1). Entretanto, acercou-se tal multidão que Ele teve de entrar numa barca, enquanto o público ficava na margem, à maneira de um anfiteatro. A passagem recolhida pela Liturgia de hoje se inicia logo após a explicação da parábola do sementeiro (cf. Mt 13, 4-23), contemplada no domingo anterior.

Nesta vida há bons e maus

Naquele tempo, ²⁴ Jesus contou outra parábola à multidão: “O Reino dos Céus é como um homem que semeou boa semente no seu campo. ²⁵ Enquanto todos dormiam, veio seu inimigo, semeou joio no meio do trigo e foi embora”.

À primeira vista, a narrativa de Nosso Senhor não continha nenhuma novidade. O surgimento do joio no cultivo do trigo era algo corriqueiro, e todos conheciam a semelhança existente entre os dois vegetais. Ao propor tal imagem como figura do Reino dos Céus, Ele quis chamar a atenção de seus ouvintes para esta grande verdade: sempre há uma lição mais alta por trás das realidades comuns da vida.

Destaquemos aqui um importante detalhe: a erva daninha não nasceu espontaneamente, mas foi semeada pelo inimigo “no meio do trigo”, o qual também foi lançado à terra pelo dono

A erva daninha não nasceu espontaneamente, mas foi semeada pelo inimigo



Reprodução

Ceifando o trigo, por François-Louis Français – Museu da Cartuxa de Douai (França)



do campo. Há, portanto, uma inteira conjugação entre o demônio e seus seguidores, muito inferior, porém, à união que se estabelece entre Deus e os eleitos. A estes cabe levar a sério a aliança oferecida pelo Senhor, para não serem devorados pela cizânia.

²⁶ “Quando o trigo cresceu e as espigas começaram a se formar, apareceu também o joio. ²⁷ Os empregados foram procurar o dono e lhe disseram: ‘Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde veio então o joio?’ ^{28a} O dono respondeu: ‘Foi algum inimigo que fez isso’”.

A cena montada por Jesus desfaz certa ideia otimista sobre nossa existência neste mundo. Há na sociedade uma mistura entre a boa e a má semente que não pode ser eliminada e, muitas vezes, só se torna perceptível quando ambas estão crescidas. E tal é a quantidade de cizânia espalhada pelo inimigo, que o bem se torna uma porção reduzida no meio dela.

Ademais, cada um de nós carrega sementes de joio dentro de si, sejam inclinações ruins, sejam tentações ou mesmo inseguranças e aflições que o demônio explora para nos perturbar, e contra as quais temos de opor resistência não permitindo que nos dominem.

A luta, nota característica do Reino

^{28b} “Os empregados lhe perguntaram: ‘Queres que vamos arrancar o joio?’ ²⁹ O dono respondeu: ‘Não! Pode acontecer que, arrancando o joio, arranqueis também o trigo. ³⁰ Deixai crescer um e outro até a colheita! E, no tempo da colheita, direi aos que cortam o trigo: arrancai primeiro o joio e amarraí-o em feixes para ser queimado! Recolhei, porém, o trigo no meu celeiro!’”

A atitude dos empregados representa a mentalidade equivocada de quem julga que as condições ideais para o desenvolvimento dos filhos de Deus no campo deste mundo consistiriam em doçuras e delícias, sossego e ausência completa de adversários. Ora, “*militia est vita hominis super terram* – a vida do homem sobre a terra é uma luta” (Jó 7, 1). O Reino de Deus é um reino de constante luta e combate! E o próprio enfrentamento entre o joio e

o trigo existente dentro de nós durará até o instante em que, à semelhança de São Luís Maria Grignon de Montfort no leito de morte, possamos dizer: “Finalmente, não pecarei mais!”

Vivendo no meio do joio sem pactuar com ele nem se deixar influenciar, os bons tornam patente o poder da vigilância e da oração na batalha contra as tentações e assaltos do inimigo. Sempre que pedimos, a graça nos é dada em abundância; e mesmo a quem não reza Deus dispensa graças suficientes para a salvação. Se estamos determinados a praticar a virtude, tudo quanto contundir essa decisão interior não nos abalará nem nos causará prejuízo algum, mas, pelo contrário, nos fortalecerá.

É interessante notar que, no momento da colheita, distingue-se sem dificuldade a cizânia do trigo: arranca-se primeiro aquela, destinando-a ao fogo, e depois se recolhe este no celeiro. A certeza do juízo infalível de Deus, que separará bons e maus no fim do mundo concedendo a cada um o prêmio ou o castigo de seus merecimentos, incentiva-nos à confiança. Desde que nos mantenhemos no caminho do bem e procurando corresponder à graça, Ele não permitirá ao mal nos sufocar e destruir.

Concluída a parábola, o Divino Mestre propõe duas outras metáforas sobre o Reino, uma própria a captar a atenção do público masculino e outra mais atraente para as mulheres ali presentes.

O resultado alcançado por quem é fiel

³¹ Jesus contou-lhes outra parábola: “O Reino dos Céus é como uma semente de mostarda que um homem pega e semeia no seu campo. ³² Embora ela seja a menor de todas as sementes, quando cresce fica maior do que as outras plantas. E torna-se uma árvore, de modo que os pássaros vêm e fazem ninhos em seus ramos”.

Pequenina, quase insignificante, a semente de mostarda impressiona pela rapidez de seu crescimento e pelas proporções que atinge quando colocada em condições próprias à germinação. Ela se apresenta assim como símbolo do Reino de Deus, quer na sua manifestação visível, a Santa Igreja, quer na discreta atuação da graça no interior dos corações. A partir de um reduzido grupo de doze Apóstolos, a Igreja expandiu-se pelo mundo inteiro; de maneira análoga, quem é fiel

No momento da colheita, distingue-se sem dificuldade a cizânia do trigo



Jesus chama todos os homens a se beneficiarem do seu Sangue redentor e a trilharem as vias da santidade

àquilo que recebe da Providência, mesmo se fraco e diminuto em qualidades naturais, tornar-se-á grande de espírito, repleto de dons sobrenaturais, capaz de amparar e ajudar outros.

Vale a pena determos nossa atenção num pormenor: o grão de mostarda só brota e se desenvolve com tal vigor porque foi depositado na terra. Se, logo ao despontar o caule, o retirássemos do solo e o puséssemos sobre um tecido limpo, poucas horas depois ele murcharia por completo e morreria. Sob este aspecto, a comparação empregada por Nosso Senhor lembra a importância de evitarmos os ambientes que não favorecem nossa santificação. Por mais promissora que seja, nossa vitalidade de nada nos adiantará se não fugirmos das ocasiões próximas de pecado e não procurarmos progredir na união com Deus. Pelo contrário, se tivermos uma ligação estreita com o Criador e, por consequência, verdadeira aversão a tudo o que d'Ele nos afasta, continuamente receberemos o estímulo, o apoio e as forças que nos sustentarão rumo à perfeição.

³³ Jesus contou-lhes ainda outra parábola: “O Reino dos Céus é como o fermento que uma mulher pega e mistura com três porções de farinha, até que tudo fique fermentado”.

Esta parábola encerra a mesma lição da anterior: de uma causa na aparência pequena, surge um efeito muito superior. A massa se avoluma pelo simples fato de estar fermentada; basta esperar a ação da levedura. Assim age Deus nas almas: quando Ele chama alguém de valor mínimo aos olhos do mundo, semelhante ao grãozinho de mostarda ou a uma medida de fermento, e a pessoa corresponde à graça, por mais que haja dificuldades os frutos de seu apostolado serão copiosos. Evidentemente as qualidades e os talentos humanos podem ajudar, mas a parte mais importante de uma obra sobrenatural compete à intervenção da Providência.

³⁴ Tudo isso Jesus falava em parábolas às multidões. Nada lhes falava sem usar parábolas, ³⁵ para se cumprir o que foi dito pelo profeta: “Abrirei a boca para falar em parábolas; vou proclamar coisas escondidas desde a criação do mundo”.

Por ser Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo possuía um conhecimento perfeito e eterno de todas as coisas e, ao iniciar sua vida pública, revelou maravilhas até então ocultas para os homens. Ao referir essa passagem do Salmo 77 enquanto anúncio do modo de ensinar próprio ao Redentor, São Mateus evidencia o quanto Ele era a realização das grandezas messiânicas profetizadas no Antigo Testamento.

Duas vias opostas, dois destinos eternos

³⁶ Então Jesus deixou as multidões e foi para casa. Seus discípulos aproximaram-se d'Ele e disseram: “Explica-nos a parábola do joio!” ³⁷ Jesus respondeu: “Aquele que semeia a boa semente é o Filho do Homem. ³⁸ O campo é o mundo. A boa semente são os que pertencem ao Reino. O joio são os que pertencem ao maligno. ³⁹ O inimigo que semeou o joio é o diabo. A colheita é o fim dos tempos. Os ceifeiros são os Anjos”.

Terminada a pregação, Nosso Senhor retorna a casa, onde os discípulos pedem-Lhe que explique o sentido da parábola do joio. Com naturalidade, Ele então esclarece, ressaltando o destino final das hostes que se enfrentam no campo deste mundo: o Reino de Deus está constituído pelos filhos da luz, os quais gozarão da eternidade feliz, mas entre eles se encontram também os maus, que no fim dos tempos serão precipitados no inferno juntamente com os demônios.

Jesus “semeia a boa semente”: é Ele quem chama todos os homens a se beneficiarem do seu Sangue redentor e a trilharem as vias da santidade, reservando-lhes graças especiais para, mesmo sendo débeis, manterem-se fiéis ao longo da vida.

Há, de outro lado, aqueles que “pertencem ao maligno”, ou seja, os que resolveram seguir o caminho do pecado e dar as costas à virtude. Quem assim os desvia e os transforma em joio é o próprio satanás.

⁴⁰ “Como o joio é recolhido e queimado ao fogo, assim também acontecerá no fim dos tempos: ⁴¹ o Filho do Homem enviará os seus Anjos e eles retirarão do seu Reino todos os que fazem outros pecar e os que praticam o mal; ⁴² e depois

os lançarão na fornalha de fogo. Aí haverá choro e ranger de dentes. ⁴³ Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai. Quem tem ouvidos, ouça”.

Caberá aos Anjos a missão de arrancar do Reino tudo quanto pertence ao demônio, o que significa extirpar não só aqueles que abraçam o mal, como também “os que fazem outros pecar”. A expressão “fornalha de fogo” sugere um pleonasma, mas Nosso Senhor a emprega para reforçar a ideia do ardor das chamas do inferno, que não se extinguirão por toda a eternidade. Trata-se de um fogo inteligente, alimentado por Deus, capaz de queimar sem consumir e na medida exata determinada pela justiça divina para cada condenado.

Ao “choro e ranger de dentes” dos precitos, cujos corpos, refletindo a desgraça da alma, ressurgirão opacos, fuliginosos e malcheirosos, contrapõe-se a felicidade dos Bem-Aventurados, que ressuscitarão resplandecentes de luz e glória, brilhantes como o sol.

III – A SIGNA DE NOSSA PASSAGEM PELA TERRA

Explicitada por Nosso Senhor na parábola do joio e do trigo, a luta é a signa de nossa passagem pela terra. Quem se compenetra dessa verdade vive cheio de alegria e não se perturba quando o mal se levanta com ódio de destruição, pois sabe que a vitalidade dos bons vem do próprio Deus. Nunca devemos, portanto, aceitar qualquer pensamento de desconfiança, tristeza ou desânimo ao presenciarmos o joio atacar o trigo. Pelo contrário, cabe-nos manter a convicção de nossa superioridade enquanto combatentes de Deus em face dos que foram plantados pelo inimigo.

Um grande auxílio para jamais perdermos essa esperança está em não deixarmos se apagar em nosso horizonte interior os acontecimentos que encerrarão a História da humanidade. Vivemos no tempo e os pequenos episódios do dia a dia nos impressionam, causando-nos às vezes aflições, mas tudo isso passa. No dia do Juízo, pesará nosso amor Àquele que nos semeou e nossa generosidade em retribuir a Ele a seiva que infundiu em nós e os cuidados que nos dispensou.

Nos momentos mais árduos do embate contra o mal, tenhamos presente que nossa oração é sempre ouvida pelo Céu. Deus pode demorar em atender, mas jamais nos abandonará, sobretudo



Nosso Senhor pregando
Igreja de Santa Marta, Sarasota (EUA)

Angelis Ferreira

Nunca devemos aceitar qualquer pensamento de desconfiança, tristeza ou desânimo ao presenciarmos o joio atacar o trigo

quando Lhe pedirmos que vença o joio germinado dentro de nós. Lembremos que Ele é a Integridade e não rompe a aliança estabelecida com aqueles que confiam na onipotência do seu perdão; Ele é a Bondade e continuamente quer nos fazer o bem; Ele é nosso Redentor e prometeu-nos a ressurreição gloriosa, deixando-nos como penhor o “fermento” que nem sequer os Anjos podem receber: a Eucaristia.

Em suma, a Liturgia de hoje abre uma esteira de misericórdia, de bondade e de perdão infinito a nós concedidos por Deus, desde que reconhecamos nossa pequenez e saibamos louvá-Lo, não só com os lábios, mas também com os atos, lutando por sua glória nesta terra. ✧

¹ Cf. ABAD, SJ, Camilo María. Introducción general. In: SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Obras*. Madrid: BAC, 1954, p.66.



Cristo em nós pela Sagrada Eucaristia

Na Comunhão, Nosso Senhor Jesus Cristo entra em contato conosco de um modo todo especial: de alma a alma! Como Pai bondoso e Médico infinitamente poderoso, Ele quer nos perdoar e curar.

Plínio Corrêa de Oliveira



Quando eu era menino, nas aulas de catecismo perguntava-se à criança se ela cria que Nosso Senhor Jesus Cristo estava realmente presente na Sagrada Eucaristia. Ela deveria dar uma resposta que me ficou até hoje nos ouvidos, muito bonita, como eram as respostas do catecismo: “Creio que Ele está presente em Corpo, Sangue, Alma e Divindade”.

Para bem comungarmos, devemos nos lembrar da seguinte verdade: não vemos Nosso Senhor Jesus Cristo, mas Ele está presente na Sagrada Eucaristia como esteve na Casa de Nazaré, em Betânia – com Marta e Maria –, nos braços sagrados da Santíssima Virgem ou na Cruz.

E, na Comunhão, esse mesmo Jesus penetra em nós.

“Caro Christi, caro Mariæ”

Qual é a força da presença de Nosso Senhor Jesus Cristo em nós quando comungamos?

Imaginemos Nosso Senhor no seio imaculado e puríssimo da

Virgem Maria. Sendo Deus, desde o primeiro instante de sua Encarnação Ele possuía inteligência, mantinha comunicação direta, altíssima e insondável com a Santíssima Trindade, e recebia continuamente o culto de sua Mãe, a qual sabia que o Redentor estava presente n’Ela.

Durante os meses da gestação, Nossa Senhora ia Lhe dando elementos para que seu Corpo se constituísse e fazia atos de adoração e de amor cada vez maiores, porque conhecia o processo pelo qual Ele estava pas-

sando. A Carne e o Sangue sagrados de Jesus eram carne e sangue imaculados de Maria Santíssima.

“*Caro Christi, caro Mariæ*”, dizem os teólogos: a Carne de Jesus Cristo é a carne de Maria. A presença física de Nosso Senhor no claustro imaculado da Santíssima Virgem era tão íntima que determinava como que uma interpenetração das almas, assim como havia uma interpenetração dos corpos. E isso tornava a presença d’Ele extraordinariamente fecunda para sustentar ainda mais aquela montanha luminosa e cristalina de santidade que foi Nossa Senhora.

Jesus Cristo presente em nós

Através da analogia com a presença de Nosso Senhor Jesus Cristo no claustro de Maria Santíssima, podemos, então, compreender o que é a presença eucarística em nós.

Nosso Senhor entra em nós e, enquanto as Sagradas Espécies permanecem em nosso interior sem se corromperem pelo processo da digestão, há uma ação d’Ele sobre todo o nosso

*Nosso Senhor
está presente na
Eucaristia como
esteve nos braços
da Santíssima
Virgem ou no
alto da Cruz*

ser. E como somos compostos de corpo e alma, Ele misteriosamente entra em contato santificante com nossa alma. Essa é a bem-aventurança extraordinária que cada um de nós recebe no momento em que comunga!

Para compreendermos essa ação de Nosso Senhor sobre nós durante a Comunhão, recorro um fato muito bonito, narrado pelo Evangelho.

Jesus estava andando e uma mulher enferma que queria ser curada, vendo em torno do Divino Mestre aquela turbamulta desejava de ouvi-Lo e vê-Lo ou de ficar livre de alguma doença, aproximou-se por trás e tocou na túnica sagrada d'Ele. Nesse momento, Jesus voltou-Se e perguntou: "Quem tocou em Mim?" Diz o Evangelho que Ele havia sentido uma virtude sair de Si e passar para outra pessoa (cf. Mc 5, 25-30).

Quer dizer, Ele percebia que uma força – nesse caso, evidentemente, tratava-se de uma força vital – saía d'Ele e transmitida para aquela mulher a havia curado. Ora, se uma pessoa com fé, tocando em sua túnica, podia ser curada, o que significa recebê-Lo inteiro em nós? É uma graça que não se pode medir.

Contato de alma a alma

Imaginemos uma pessoa que vai todos os dias à casa de outra para conversar. Se for alguém distinto, preclaro, eminente ou santo, honrará aquela casa. Entretanto, muito mais importante que isso será o convívio de alma a alma estabelecido entre ambas. Na conversa, alguma coisa do talento, da nobreza, da excelência, das virtudes ou da santidade da alma do visitante é comunicada ao visitado.

Em grau imensamente maior, a Sagrada Comunhão nos proporciona esses bens, porque Nosso Senhor tem conosco um convívio muito mais íntimo do que um visitante em nossa casa. Entrar em nosso corpo e ter ali esse contato de alma é como que uma interpenetração.

O Evangelho nos fala das várias atitudes de Nosso Senhor. Aquelas que mais me tocam são de duas espécies. Uma é quando Ele Se dirige ao Pai Eterno: suas palavras são lindíssimas, humílimas. Ele é Deus, mas também Homem. E, se vissemos um homem como nós rezar ao Pai daquele modo, com aquela humildade e, ao mesmo tempo, com aquela intimidade, nos sentiríamos inseridos nesse sulco de luz, quase que transportados para o interior da Santíssima Trindade.

Para mim, as orações de Nosso Senhor são mais bonitas que seus sermões e tudo quanto Ele fez. É natural, pois falando com o Pai Eterno Ele diria coisas mais belas do que para os homens, aos quais fez revelações tão admiráveis que até o fim do mundo não se terá acabado de estudá-las.

Suponhamos ainda que, além de rezar, Ele olhasse e dirigisse palavras a Nossa Senhora – para mim, é a segunda atitude mais tocante. O último olhar do Redentor para Ela do alto da Cruz, que coisa maravilhosa! Nunca se compreenderá o esplendor dessa troca de olhares!

É necessário, portanto, considerarmos quem vamos receber e a imensa honra, o benefício incalculável a nós concedido por Aquele que assim entra em nós e se digna de estabelecer conosco tal união.

Bondosa visita

Não devemos ter apenas a sensação da honra, mas também da bondade. Nosso Senhor, na Sagrada Eucaristia, fica horas e horas sozinho, trancado num tabernáculo, isolado, numa capela onde apenas arde a lamparina do Santíssimo Sacramento. Muitas vezes as pessoas passam

*Se uma pessoa
com fé podia
ser curada,
o que significa
recebê-Lo
inteiro em nós?*



Cura da hemorroíssa – Catedral da Encarnação, Almería (Espanha); na página anterior, Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento – Igreja de São Cláudio e Santo André dos Borguinhões, Roma

Devoção suprema

A piedade eucarística ocupava um lugar de primazia na espiritualidade de Dr. Plínio. Era junto ao Santíssimo Sacramento e nas contas do Rosário que se encontrava o segredo desse infatigável lutador da Santa Igreja.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Quem nunca tivesse a oportunidade de acompanhar Dr. Plínio quando se aproximava do sacrário ou do ostensório não poderia dizer que conhecia verdadeiramente o amor dele a Nosso Senhor Jesus Cristo. Eram momentos nos quais, de modo invariável, sua sensibilidade sobrenatural era tocada a fundo pela presença eucarística.

A esse respeito comentava ele na década de 1990, ao sair de uma das casas de sua obra onde participara da abertura da Adoração das Quarenta Horas: “Nós olhamos para Ele, e Ele como que olha para nós. É fora de dúvida que nos sentimos vistos pelo Santíssimo e temos a impressão de que Ele diz: ‘Eu estou aqui e, portanto, não temas nada, porque tudo se arranja. Eu sou Rei e posso tudo, quero

tudo quanto é para teu bem, e arranjo tudo desde que confies em Mim’. É como eu interpreto a presença do Santíssimo. Tem uma beleza, uma bênção! É um silêncio que fala, algo simplesmente maravilhoso, incomparável!”

Ao entrar em igrejas ou capelas onde o Santíssimo Sacramento estivesse exposto, após inclinar-se profundamente Dr. Plínio tomava assento e, de imediato, cravava as vistas na Sagrada Forma, permanecendo absorto em oração a ponto de quase não pestanejar. Nessas circunstâncias, quando era preciso transmitir-lhe um recado urgente ou fazer-lhe uma rápida pergunta, ele, com um sinal, pedia a quem se acercava para esperar alguns instantes. Só então ouvia, sem movimentar a cabeça ou sequer tirar os olhos do ostensório, e

respondia na mesma posição, em voz baixa e com breves palavras.

Inquirido certa vez a respeito de tal atitude, da qual parecia deduzir-se um relacionamento de intimidade com Nosso Senhor Sacramento ainda mais sensível que na própria Comunhão, Dr. Plínio confirmou: não se recordava de haver se aproximado uma vez do Santíssimo para adorá-Lo, sem experimentar uma atração irresistível.

Tal era a sensibilidade eucarística de Dr. Plínio que ele chegava a possuir uma verdadeira intuição da proximidade do Santíssimo Sacramento, o que se verificava com certa frequência nos seus deslocamentos em automóvel. Ao passar diante das igrejas era capaz de dizer se ali se encontrava presente Nosso Senhor

diante do templo e ninguém se detém para rezar. E Ele está ali, à espera de alguém que queira comungar. O Redentor, então, Se dá a qualquer um, entra em seu corpo e toma contato com sua alma para fazer-lhe o bem.

São Pedro disse a respeito de Nosso Senhor esta frase que me pareceu muito bonita, de uma simplicidade e profundidade assombrosas: “*Pertransivit benefaciendo* – Por toda a parte, Ele andou fazendo o bem”

*Jesus Eucarístico
permanece horas
e horas sozinho
no sacrário,
à espera de
alguém que
queira comungar*

(At 10, 38). Nos lugares onde ia, as pessoas mais pecadoras eram recebidas com bondade. Assim, durante a Comunhão devemos ter a confiança de que Ele não é um Juiz severo, mas um Pai bondoso, um Médico infinitamente poderoso e desejoso de nos perdoar.

“Minha Mãe, prepara-me para a Comunhão”

Antes de comungar, devemos trazer essas considerações ao espírito,



Dr. Plínio não se recordava de haver se aproximado uma vez do Santíssimo para adorá-Lo, sem experimentar uma atração irresistível

Comungando durante uma Missa na década de 1980, acompanhado por Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Sacramentado ou não, e, em função disso, ele tirava o chapéu em sinal de adoração ou deixava de fazê-lo.

O enorme respeito tributado por Dr. Plínio à Eucaristia refletia-se também em certos pormenores relativos aos cuidados que ele tomava quando se preparava para a Comunhão, hora sagrada, ponto central e momento ápice de seu dia.

Até mesmo o horário escolhido para comungar fazia parte desses hábitos: após a sesta, no fim do período

dedicado às orações, circunstância na qual ele se sentia em melhores disposições. Aliás, ele próprio afirmava que a preparação para o solene ato da Comunhão se iniciava desde o despertar, pela manhã, e a recordação dela se estendia ao longo das restantes horas do dia. A esse propósito, comentava: “Uma ação de tal maneira séria, como é receber Nosso Senhor Jesus Cristo em nossas almas, deve marcar para nós o dia inteiro, à maneira da Primeira Comunhão,

cujas lembranças não deveriam diminuir com o tempo, mas crescer”.

A adoração à Sagrada Eucaristia era a devoção suprema de Dr. Plínio. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de: CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.V, p.300-315

a fim de recebermos dignamente o Santíssimo Sacramento.

E agirá de acordo com a condição de escravo de Nossa Senhora, segundo a espiritualidade de São Luís Maria Grignon de Montfort, quem se prepara para a Comunhão em união com Ela, pedindo-Lhe as graças necessárias.

É assim que eu me preparo, dizendo à Santíssima Virgem: “Minha Mãe, preparai-me Vós para esta Comunhão, pondo-me na alma todas

*Na Comunhão,
Jesus vem a nós
não como um
Juiz severo,
mas com um
Pai desejoso
de nos perdoar*

as boas disposições, todas as boas ideias, todos os bons impulsos para eu ter presente a imensa honra que receberei. Porque rezastes, vosso Filho virá a mim”.

Em união com Nossa Senhora tudo se consegue. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de: Dr. Plínio. São Paulo. Ano XIII. N.144 (mar., 2010); p.16-18



Francisco Leazaros

Jesus está aí: por que duvidar?

Aproximemo-nos da Eucaristia e peçamos a intercessão de Maria Santíssima para adorar a Seu Divino Filho como Ele deve ser adorado. Amemo-Lo como Ela o amou quando O levava em seu seio virginal.



Ir. Luciana Niday Kawahira, EP

— Ah... Mas nessa eu não acredito!

— Pois bem, eu estou dizendo a mais pura verdade! Venha comigo e verás!

Dirigindo-se à praça da cidade, esses dois amigos puderam ver então o extraordinário acontecimento que ali tinha lugar.

Desafiado por um incrédulo

Estamos em Rimini, em pleno século XIII, numa época conturbada em que as heresias provocavam divisões e intrigas. Certo homem chamado Bonvillo ousou negar diante de Santo Antônio de Pádua a Presença Real de Nosso Senhor Jesus Cristo sob as espécies do pão e do vinho no Sacramento do Altar.

O bem-aventurado pregador, sem titubear, questionou ao incrédulo com quem discutia dizendo: “Se teu burro adorasse o verdadeiro Corpo de Cristo debaixo das espécies eucarísticas, ficarias crendo na verdade do Sacramento de Deus?”

Um jumento?! Que disparate tomar por juiz semelhante animal numa disputa teológica, pensariam alguns em nossos dias... Porém, naquela época os homens acreditavam em Deus, por mais que muitos não O respeitassem e até O ofendessem. Sobretudo, todos escutavam as palavras de um santo taumaturgo, como o que ali se encontrava.

Intrigado, respondeu o homem: “Por dois dias farei jejuar o meu

burro, e no terceiro dia, eu mesmo hei de levá-lo no largo público. De um lado por-lhe-ei ótima aveia, e do outro hás tu de pôr-te com a Hóstia que dizes conter o Corpo de Cristo. Se o burro – não fazendo caso da aveia – ajoelhar perante a Hóstia, mui de boa vontade hei de confessar também eu, com a boca e com o coração, a verdade do Sacramento eucarístico”.¹

O jumento se ajoelha em adoração

Por inspiração do Espírito Santo e cheio de sabedoria e discernimento, Santo Antônio aceitou a proposta!

Por dois dias, o jumento ficou sem qualquer alimento e, no terceiro, foi levado a um largo onde achava-se atulhada grande multidão.

Tendo de um lado a cobiçada aveia e do outro o penhor da nossa Redenção conduzido pelas mãos de Santo Antônio, o animal dirigiu-se solenemente para o Corpo ado-

Mais um milagre era realizado na História de Igreja, comprovando a presença real de Cristo na Eucaristia!

rável de Jesus e ajoelhou-se aos pés do pregador. E só cessou este sinal de adoração às Sagradas Espécies quando o sacerdote lhe ordenou levantar-se.

Mais um milagre era realizado na História da Igreja, comprovando a Presença Real de Cristo na Eucaristia! Graças a este prodígio, o herege converteu-se e a multidão que assistia encheu-se de piedoso temor, estupefata por ver uma toca besta manifestando tal respeito e adoração ao Santíssimo Sacramento.

Mistério que ultrapassa a razão

“O que não compreendes nem vês, uma fé vigorosa te assegura, elevando-te acima da ordem natural”.² Assim descreve São Tomás de Aquino, com poético estro, esse mistério que ultrapassa a razão, aproxima o homem do sobrenatural e o faz participar da felicidade celeste já nesta terra.

Contudo, para ter fé em tal mistério é preciso, antes de tudo, aproximar-se desse Sacramento, beneficiando-se dos seus efeitos. Ainda que não o vejamos com os olhos do corpo, ao entrar em contato com Jesus Eucarístico é certo que Ele nos fará vê-Lo de algum modo com os olhos da alma.

Deixemo-nos assumir pela presença d'Aquele que nos ama infinitamente e que nos deseja somente o bem. A graça nos fará compreender quanto Ele é acessível e como depende de nós que seja manifestado esse amor.

Deus quer ser respeitado!

Se todo homem gosta de ser bem tratado, o que dizer do Criador do universo, que humildemente Se esconde debaixo das Espécies Eucarísticas? Se prestamos respeito filial àqueles que nos

geraram, não devemos tê-lo ainda maior para com Aquele que nos criou, tirando-nos do nada?

Por amor, Deus Se fez alimento que nos possui e transforma em tabernáculos divinos. Deu-nos a vida divina e a alegria de tê-Lo presente na Santíssima Eucaristia, e em troca deseja ser amado e respeitado nesse augusto Sacramento.

O primeiro passo para Lhe darmos toda a honra, glória e adoração devidas é acreditar que Jesus está ali tão presente como o estava outrora ao percorrer as ruas de Jerusalém e Cafarnaum pregando, pedoando e realizando milagres.

Quantas igrejas foram erigidas para adorá-Lo! Quantos hinos,

*Quantas Igrejas
foram erigidas para
adorá-Lo! Quantos
milagres, curas e
libertações operadas
através de sua
Presença Real!*

cânticos e orações de devotamento ao seu mistério eucarístico compostos ao longo dos séculos! Quantos milagres, curas e libertações operadas através de sua Presença Real! Quantas e quantas graças silenciosas, profundas e transformadoras infundidas ao se receber e adorar o “Pão dos Anjos”!

Diante de tantos benefícios, por que duvidar?

Peçamos a intercessão de Maria Santíssima para adorar Seu Divino Filho como Ele deve ser adorado. Amemo-Lo como Ela o amou quando O levava em seu seio virginal. Desejemos ser, como a Mãe de Deus, tabernáculos puríssimos nos quais a presença de Deus se torne especialmente sensível nos momentos de dificuldade e provação. Tornemo-nos, enfim, um ostensório vivo no qual Cristo seja respeitado, glorificado e adorado por aqueles que de nós se aproximarem. ✧

¹ GARDINI. *Nova vida de S. Antônio de Pádua*. Pádua: Mensageiro de Santo Antônio, 1929, p.30.

² Trecho tirado da sequência *Lauda Sion*, da Missa de Corpus Christi.



Leandro Souza

Adoração Eucarística na Casa Turrís Eburnea, Caieiras (SP); na página anterior: Santo Antônio de Pádua e o milagre da mula – Convento da Madre de Deus, Lisboa

Divina música das harmonias mariais

O Reino de Maria será o reinado da clemência, da piedade e da doçura de Nossa Senhora. Ao comentar a Salve Rainha, Mons. João nos desvenda algo dessa era histórica em que o espírito da Mãe de Deus estará presente em cada criatura.



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Movida por seu carisma profético, há muito a Igreja discerniu os desígnios divinos quanto à era marial¹ em cujos umbrais a humanidade se encontra. E, ao longo dos séculos, vem alimentando em seus filhos a esperança nesses gloriosos dias por meio de súplicas e sacrifícios expiatórios.

Ademais, cônica de que o vocabulário humano não é capaz de exprimir as excelsas qualidades de Nossa Senhora, ela recorreu às mais diversas formas litúrgicas e artísticas para levar seus filhos a degustarem misticamente as grandezas da Mãe de Deus. E, *pari passu*, procurou desenvolver uma terminologia teológica que, apesar das limitações do conhecimento penumbrático próprio ao estado de prova, servisse de instrumento para pôr em palavras as “intuições” que o Paráclito soprava nas almas a respeito de sua fidelíssima Esposa.

Súplica arquetípica a Nossa Senhora

Entre as preces marianas assim originadas, a *Salve Regina* represen-

tava para Dr. Plínio a súplica arquetípica a Nossa Senhora, a obra-prima do discernimento profético e do zelo teológico da Igreja a propósito do papel d’Ela na História da salvação. Por meio dessa oração, ele havia penetrado nos mistérios da Soberana Rainha e desejava ainda recitá-la quando sua guerreira e inocente alma estivesse para deixar este vale de lágrimas a fim de contemplar a luz beatífica nos olhos de sua Senhora e Mãe:

“Por cima desses abismos da morte, além dos quais está um Deus que eu adoro, existe uma ponte – que é a luz de minha alma e tudo em minha

vida – cujo tamanho e valor eu meço melhor quanto mais me esmero em medir a profundidade do abismo. [...] O sorriso por cima das trevas do impasse e a ponte lançada por cima dos abismos é a devoção a Nossa Senhora. Por isso, na hora da morte devemos dizer: *Salve Regina, Mater misericordiae...* E nossa alma será recolhida no Céu”².

A *Salve Regina* assemelha-se a uma música: há trechos em *crescendo* e *diminuendo*, em *allegro* e *adagio*, de acordo com o significado de cada frase. É a “composição” que contém todas as melodias das relações entre a Beatíssima Trindade e Nossa Senhora. Poderia até se chamar “música divina”, pois resume os infinitos anelos de Deus a respeito de sua Filha, Mãe e Esposa.

Ao rezá-la com piedade, o fiel associa-se aos desejos do Criador e se introduz nos misteriosos vínculos que O unem a Ela. No Coração de Maria, por sua vez, essa oração ressoa como um louvor e um pedido feito pelo Altíssimo, mesmo quando pronunciada por um mísero pecador. Deus como que empresta sua voz ao suplicante,

A Salve Rainha representava para Dr. Plínio a súplica arquetípica a Nossa Senhora e desejava recitá-la ainda na hora da morte



Leandro Souza

Nossa Senhora Auxiliadora - Casa Turris Eburnea, Mairiporã (SP)

para que ele conviva com a sua predileta. Eis a força da *Salve Regina!*

A grandeza divina encerrada em uma criatura

Os títulos mariais contidos nessa prece possuem uma elevação que atinge a Deus. Enquanto Filha do Padre Eterno, Nossa Senhora herda uma participação eminente em todos os seus atributos que A faz tocar a essência divina; como Mãe do Filho, governa sua herança e dela Se beneficia na qualidade de Rainha-Mãe; pela condição de Esposa do Espírito Santo, compartilha de seus bens e sobre eles detém plenos direitos.

Desse modo, Maria vive do tesouro da Trindade e encerra em Si a grandeza divina na proporção de uma criatura, como se Deus houvesse elegido entre os homens uma “miniatura” sua. Em outros termos, não Lhe sendo possível gerar uma nova Pessoa Divina consubstancial à Trindade, o Criador A formou com a finalidade de torná-La um “deus” para Si.

Ora, por vezes a meditação das invocações de Nossa Senhora parte não de sua perspectiva mais universal e

*Nossa Senhora
participa dessa
realeza de modo
“sui generis”:
Deus Lhe confiou
de algum modo o
cetro de seu poder*

transcendente, ou seja, de Deus e seus atributos, mas daquilo que se mostra mais imediato e concreto: o homem e suas necessidades. Embora legítima, essa visualização acaba constituindo um obstáculo para compreender a magnificência do vínculo d’Ela com a Santíssima Trindade, do qual deflui sua ligação com a humanidade.

Sem pretender fazer uma análise exaustiva das invocações dessa inspirada e belíssima oração, o Autor apresentará a seguir suas reflexões sobre algumas delas. Como o leitor poderá comprovar, tais considerações propiciam uma prelibação da glória esplên-

dorosa que Maria Santíssima irradiará por toda a terra nos dias de seu reinado, bem como do convívio transbordante de bondade, perdão e afeto que Ela estabelecerá com os homens.

Segundo São Luís Grignon de Montfort,³ nesse relacionamento íntimo e maternal a Virgem os iluminará com sua luz, alimentará com seu leite, conduzirá com seu espírito, sustentará com seu braço e guardará sob sua proteção. Ela mesma será a seiva vital que impulsionará cada um de seus filhos e escravos de amor rumo à união com o Sagrado Coração de seu Divino Filho.

Rainha dos homens, dos Anjos e da vontade divina

Rainha e Mãe: dois títulos excelso da Santíssima Virgem! Todos os predicados pelos quais se louva Nossa Senhora na *Salve Regina* decorrem desta singular união entre a realeza e a maternidade.

“*Salve Rainha!*” Maria possui em plenitude as insígnias do poder régio: sua majestade supera em muito a de qualquer monarca, é suprema; sua autoridade não depende da aclama-

mação dos homens, é soberana; seu império se exerce sobre os Céus e a terra, as potestades angélicas e os seres humanos, é absoluto. Ela faz tudo quanto quer, quando quer e como quer. Trata-se, portanto, de uma realeza que emana da realeza divina.



Dr. Plínio no início da década de 1980

Dr. Plínio bem compreendeu que invocar a realeza de Nossa Senhora significa invocar sua onipotência suplicante

Ora, Deus é a matriz e a substância da realeza: Rei de sua vontade, de seus planos, de seus possíveis; em uma palavra, Rei de Si mesmo desde todo o sempre. Sua realeza consiste no governo absoluto do Bem, que é a sua própria essência.

Por uma especialíssima predileção, Nossa Senhora participa dessa realeza de modo *sui generis*. Deus como que Se entregou inteiramente a Ela e confiou-Lhe o cetro de seu poder, para que governe a criação, a História e – oh, mistério insondável! – a Ele mesmo. A este título, pode-se afirmar que, por um sublime arcano, Maria é Rainha até da vontade divina, gozando de uma audiência onipotente ante o trono do Altíssimo.⁴ Tudo está sob seus pés, e a Trindade Se compraz em ser regida por sua Filha, Mãe e Esposa.

Isso supõe da parte de Nossa Senhora uma entranhada união com as Três Pessoas Divinas, que A torna incapaz de realizar algo contrário a seus desígnios. Em Deus e em Maria pulsam um mesmo Coração e uma mesma vontade. É como se o Todo-Poderoso lesse no Coração Imaculado esta sentença: “Sem Mim nada podeis fazer” (Jo 15, 5). O Criador Se submeteu de tal maneira à Virgem que, por assim dizer, sem Ela nada pode fazer.⁵

Tão ousada afirmação deve ser entendida *cum grano salis*, pois só Deus é o Ser por excelência,⁶ o Ato Puro,⁷ do qual procedem todas as coisas e por quem tudo é sustentado na ordem do ser. Feita essa ressalva, parece encontrar-se aqui o âmago inefável da Sagrada Escravidão a Jesus por Maria. Aquilo que o Senhor, em razão de sua justiça, poderia recusar a qualquer pessoa que d’Ele se aproximasse diretamente, sempre será concedido se a súplica partir do Coração de sua Mãe Santíssima.

“Salvai-me, Rainha!”

Tal é o esplendor da realeza e do poder de Nossa Senhora. Não há, por-

tanto, invocação mais bela nem mais eficaz para se recorrer a Ela. Bem o compreendeu Dr. Plínio, ainda menino, ao recitar a *Salve Regina* num momento de apuro.⁸ Julgando, devido à pouca idade, que a saudação latina *salve* tivesse o sentido do verbo *salvar*, dirigiu à Auxiliadora dos Cristãos um brado cheio de filial confiança: “Salvai-me, Rainha!” E foi atendido!

Também a cada um de nós bastará clamar “Salvai-me, Rainha!”, e logo Ela estenderá o cetro e moverá a vontade do Pai. Esse apelo ressoa a seus ouvidos como se fosse dito: “Oh, Vós, que sois a Rainha das vontades divinas e que governais o Coração de Deus, salvai-me!”

As fibras do maternal Coração de Maria não resistem a quem assim recorre à sua intercessão. Invocar sua realeza significa, pois, invocar sua onipotência suplicante perante o Senhor. Não obstante, é necessário que o pedido seja feito com toda a confiança e com a certeza de que Ela nos salvará.

Personificação máxima da misericórdia divina

A expressão “*Mãe de misericórdia*”, por sua vez, evoca a missão ímpar da mãe no convívio familiar. Se ao pai cabe representar a bondade forte unida à justiça, à mãe compete reduzir esta justiça a proporções diminutas, a limites ínfimos, a um quase desaparecimento. Ela deve fazer luzir a misericórdia, o perdão e a indulgência num grau inimaginável. A harmonia no ambiente doméstico é fruto propriamente da ternura materna.

Ora, Nossa Senhora Se distingue como a Mãe das mães. Designá-La como “*Mãe de misericórdia*” parece, até certo ponto, uma redundância. Contudo, esse título se torna compreensível se levarmos em consideração que o sentido ordinário do vocábulo *mãe* fica muito aquém de sua maternidade, a qual só tem proporção com o próprio Deus. Por

assim dizer, em Maria se esgotam os limites da misericórdia: Ela é a personificação máxima deste atributo divino posto numa criatura.

Seu perdão maternal não significa, porém, condescendência com o pecado e o vício, como muitos erroneamente imaginam. Concebida em plenitude de graça e sem qualquer laivo da culpa original, Nossa Senhora possui uma noção claríssima da ofensa que nossas faltas representam contra Deus e contra a ordem por Ele estabelecida no universo. Por conseguinte, Ela tem uma rejeição e um ódio perfeitos ao pecado e a qualquer forma de mal: *“Perfecto odio oderant illos”* (Sl 138, 22).

Em que consiste, então, sua misericórdia? Exatamente em obter graças maiores e superabundantes a fim de que o pecador arrependido vença suas más inclinações e busque com toda a força de alma a santidade máxima a que está chamado. E nisso se mostra seu perdão, pois Ela abstrai da necessidade prévia de merecimentos para obter tais benefícios, aplicando copiosamente a cada um os méritos infinitos da Redenção de seu Divino Filho, dos quais é a universal Medianeira e dadivosa Dispensadora.

“Vida nossa”: essência do Segredo de Maria

Em seguida, a oração faz referência a três insígnias títulos de Nossa Senhora: *“vida, doçura e esperança nossa, salve!”* Há alguma relação entre estas invocações e as precedentes? Ou, quiçá, constituem elas meros adornos literários? Se examinadas com atenção, percebe-se que se trata de decorrências ou aplicações práticas das anteriores e de frutos da misericórdia.

Afirmar que algo é a “vida” de uma pessoa significa que sua existência não teria sentido se privada do elemento em apreço. Assim, poder-se-ia dizer que a reforma da Ordem Cisterciense empreendida por São Bernar-

do de Claraval era a sua vida, pois nela encontrava a finalidade para a qual Deus o criara. De modo similar, para um cavaleiro templário a defesa da Igreja e dos Lugares Santos contra a sanha dos infiéis era a sua vida, ou seja, o objeto de suas alegrias e esperanças em meio aos sofrimentos e dissabores da realidade terrena. E caberia aplicar a mesma definição a Santa Isabel da Hungria, que fez do serviço aos enfermos o seu gozo, a sua vida.

Por uma razão análoga, porém mais excelsa, chamar Nossa Senhora de “nossa vida” constitui um dos aspectos mais profundos da devoção a Ela, certamente relacionado com a essência do Segredo de Maria.⁹ Por quê?

Ao refletirmos sobre o mistério da Encarnação, em especial o período da gestação do Menino Jesus no claustro puríssimo de sua Mãe, um fato extraordinário nos colhe a atenção: o Homem-Deus quis que, durante nove meses, sua vida fosse uma participação da vida de Maria, por Ela sustentada e d’Ela dependente. Algo de sua existência humana estava sujeita à existência de Nossa Senhora.

Por conseguinte, em seu dinamismo especulativo e ávido de conhecer a verdade última sobre os arcanos de Deus, caberá à Teologia futura se interrogar: se Cristo quis depender da vida d’Ela no tempo – a ponto de o Menino Jesus, com toda a propriedade, poder exclaimar no ventre virginal de Maria: *“Minha Mãe, vida de minha vida!”* –, algo de sua vida divina e eterna não dependeria d’Ela também? De que modo e com que matizes, uma vez que a questão não se refere a termos absolutos? Essa dependência não obedeceria a



Timothy Ring

Nossa Senhora Auxiliadora, – Santuário do Sagrado Coração de Jesus, São Paulo

O perdão maternal de Maria Santíssima não significa, porém, condescendência com o pecado e o vício, como muitos imaginam

um sublime critério que rege-ria o relacionamento do Verbo Encarnado com as criaturas? Com efeito, embora haja n'Ele uma dualidade de naturezas, a divina e a humana, a unidade de Pessoa é resguardada pela união hipostática na Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Assim, a Criança cuja vida a Virgem sustentava em seu seio era o próprio Deus.

Mutatis mutandis, um fenômeno similar ao que se passou com Jesus durante sua gestação deverá se dar com aqueles a quem Nossa Senhora introduzir em seu Segredo: Ela os sustentará com sua existência e os alimentará com suas virtudes.¹⁰ Por esse vínculo materno, Maria Se tornará a vida de seus filhos no plano salvífico e sobrenatural, os quais não mais poderão pensar, querer ou agir sem Ela. Participar assim da vida da Santíssima Virgem constitui o mais alto grau de união com Deus e o anseio mais profundo das almas que aspiram à perfeição: “Minha Mãe, dai-me a graça de viver em vosso interior, como o Menino Jesus aí viveu durante nove meses. Sede a razão da minha existência e a vida da minha vida. Amém”.

Receptáculo das doçuras do Coração de Jesus

Nossa Senhora é também “nossa doçura”, quando a Ela recorremos humildemente. Essa doçura se manifesta na afabilidade, condescendência e bondade com que Maria nos acolhe, mesmo quando estamos na pior e mais lamentável situação de alma. Com ainda maior solicitude que o pai da parábola do filho pródigo (cf. Lc 15, 11-32), Ela sai ao encontro do filho chagado e maltrapilho que se avizinha, o abraça e o beija, unge-lhe as



Nossa Senhora da Humildade, por Fra Angélico - Museu Nacional de Arte da Catalunha, Barcelona

“Vida, doçura e esperança nossa...” Há alguma relação entre estas invocações e as precedentes? Ou constituem meros adornos literários?

feridas com bálsamo, reveste-o com a melhor túnica e realiza um grande banquete para celebrar a recuperação daquele fruto de suas entranhas que havia se perdido.

Mãe de Deus e nossa, Ela nos cobre de afeto, suavizando as agruras e os sofrimentos deste vale de lá-

grimas, e comunica aos nossos corações ânimo renovado para os combates que ainda nos aguardam. Nossa Senhora Se manifesta como “nossa doçura”, quer quando afasta os obstáculos de nossos caminhos e nos conduz pelos jardins paradisíacos das consolações interiores, quer quando permite que passemos por aridez espirituais, estorvos e até fracassos, à semelhança de seu Divino Filho na Cruz. Em qualquer circunstância Ela nos obtém as graças, virtudes e forças necessárias para sermos os lutadores e heróis de seu glorioso Reino.

Quão amarga se torna a vida daqueles que se embrenham nas vias do pecado e rejeitam as ternuras desta Mãe, cujo Imaculado Coração é o receptáculo das doçuras do Sagrado Coração de Jesus!

Esperança cheia de alegria e confiança

A tríade de louvores a Maria Santíssima encerra-se com a invocação “esperança nossa”. Essa virtude se refere, sobretudo, à glória futura (cf. Rm 5, 2), mas abarca igualmente os interesses espirituais e temporais da vida presente. Como ensina São Tomás,¹¹ é por ela que se evitam os males e se procura o bem, pois não se espera senão o bem que se deseja e se ama. Ademais, a esperança porta consigo um gozo de alma antecipado à posse do bem almejado¹² e, por isso, o Apóstolo exorta: “Sede alegres na esperança!” (Rm 12, 12).

A *Salve Regina* não alude, porém, a uma esperança qualquer, mas à “esperança nossa”: Àquela que, sendo a Onipotência Suplicante e a Mãe misericordiosa do pecador, é incapaz de negar-lhe uma ajuda, pois nunca se ouviu dizer que, tendo alguém re-

corrido à sua proteção, implorado sua assistência ou reclamado seu socorro, fosse por Ela desamparado.

De que valeria uma vida sem doçura? Por certo, seria um pesadelo. E uma doçura sem esperança? Sem dúvida, não passaria de um gozo efêmero, que não tardaria a se converter em amargura. Ao contrário, a esperança enche a alma de alegria e faz desabrochar a confiança. Esta é a esperança que a Estrela da Manhã transmite a seus filhos e escravos, antecipando-lhes o gozo do Sol de Justiça, Cristo Senhor nosso.

Grandeza que acolhe, eleva e nobilita

Unindo os extremos da esfera espiritual, após discorrer sobre as grandezas de Nossa Senhora a *Salve Regina* se volta para a pequenez, a insuficiência e a fraqueza dos homens: “*A vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, Advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei*”.

Haveria atitude de alma mais apropriada do que essa? Ante a sublimidade das graças e dons de Maria, quem poderia julgar-se alguma coisa? A única postura razoável consiste em contemplá-La a partir da miséria e da insignificância de um degredado filho de Eva, ou seja, admirá-La com coração humilde. É o exemplo que Ela mesma nos dá no cântico do *Magnificat*, ao profetizar que todas as gerações A proclamariam Bem-Aventurada porque Deus tinha olhado “para a humildade de sua Serva” (Lc 1, 48).

Entretanto, antes de se tornar pequeno é preciso apreciar a grandeza da Santíssima Virgem, pois esta perspectiva equilibra a ponderação das misérias e fraquezas. Longe de desdenhar os filhos débeis e desvalidos, Ela os acolhe, eleva e nobilita, não só por desvelo e compaixão, mas também pelo prazer que experimenta ao vê-los necessitados de seu amparo. Ela Se ale-

gra com sua pequenez, porque assim pode ser plenamente Mãe de cada um.

O próprio Deus quis Se fazer Filho de Maria, frágil e pequenino em seus braços, para que Nossa Senhora exercesse inteiramente sua maternalidade sobre Ele. E, depois de adornar sua alma de todas as virtudes e coroá-las com o dom da Maternidade Divina, aprouve-Lhe assumir a humanidade na condição de criança, para que sua filiação a Nossa Senhora fosse perfeita e Ele pudesse, numa posição inferior na or-



O retorno do filho pródigo – Catedral
São Francisco Xavier, Green Bay
(Estados Unidos)

*Mesmo quando
estamos na pior
situação de alma,
Maria nos acolhe
com ainda maior
solicitude que o
pai da parábola*

dem da natureza, contemplar as grandezas de sua Mãe. Trata-se de uma situação paradoxal, na qual o Verbo Eterno inverte os papéis, como que dizendo: “Ela é tão bela, tão santa, tão semelhante a Mim que Eu, Deus todo-poderoso, não resisto em Me encarnar, para ser Filho d’Ela e, portanto, de alguma forma inferior a Ela”.

Nesse adorável ato de submissão do Redentor a Nossa Senhora estão inseridos todos os homens pois, ao Se abandonar aos cuidados d’Ela, Jesus Lhe entregou cada um como filho seu. E, sendo o Homem-Deus causa exemplar do agir humano, o modo de Ele Se relacionar com sua Mãe tornou-se o paradigma para os filhos e escravos d’Ela.

Essa passagem da *Salve Regina* parece sugerir ao fiel duas graças insígnies a serem suplicadas: de um lado, a possibilidade de penetrar, compreender e amar o Segredo de Maria; de outro, a capacidade de aniquilar-se e fazer-se pequeno, a fim de mais intimamente dele participar. Os fracassos, misérias e faltas não devem constituir um fator de abatimento e desânimo espiritual. Pelo contrário, a Providência os utiliza como instrumentos para “esvaziar” a alma de si mesma e “enchê-la” da Virgem Santíssima, como explica São Luís Grignon de Montfort.¹³

Não encontrando um termo mais apropriado para exprimir o pendor maternal de Nossa Senhora pelos filhos faltosos em face do Supremo Juiz, a Igreja A intitulou “Advogada nossa”. Essa Advogada, porém, não Se contenta em defender os vermezinhos e miseráveis pecadores,¹⁴ mas assume como próprias as suas causas. Assim, ao se apresentarem no tribunal eterno, Deus já não vê suas fraquezas: no lugar delas, contempla apenas Maria!

À semelhança da Rainha Ester ante o Rei Assuero (cf. Est 5, 1-8), basta Nossa Senhora comparecer

junto ao trono divino para que o Altíssimo Lhe conceda absolutamente tudo. Sua simples existência é garantia de vitória nas causas mais impossíveis. Recorramos, pois, cheios de confiança e com o coração contrito, à nossa invencível Advogada!

**“Caro Christi, caro Mariae”:
o ápice da Sagrada Escravidão**

Entre as sublimidades mariais que a Salve Regina manifesta está a aclamação “E depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto de vosso ventre”. A mútua escravidão de amor existente entre Jesus e Maria era tão entranhada que ambos possuíam não apenas o mesmo espírito e o mesmo Coração, mas até a mesma carne: “Caro Christi, caro Mariae”.¹⁵

Em virtude dessa união, Nossa Senhora experimentou no seu Coração as indizíveis dores sofridas por Jesus Cristo em seu Corpo sagrado durante a Paixão. Trata-se de um regime de Sagrada Escravidão¹⁶ levado a um tal auge de perfeição, que não há palavras adequadas para exprimi-lo; mais elevado e grandioso, somente a eterna pericórese das Três Pessoas Divinas.

Ora, precisamente em decorrência dessa escravi-

dão amorosa Nossa Senhora Se tornou a Corredentora do gênero humano. Por desígnio do Padre Eterno, Ela devia consentir em cada sofrimento de seu Divino Filho, ciente de que antes o Salvador já havia con-

Em virtude dessa união, Nossa Senhora experimentou no seu interior as indizíveis dores sofridas por Cristo durante a Paixão



Encontro de Cristo com sua Mãe a caminho do Calvário – Museu de Belas Artes de Salamanca (Espanha)

sentido nos sofrimentos d’Ela. Surge, assim, uma pergunta inevitável, a qual só pode ser entendida pelo prisma da Sagrada Escravidão... Quem sofreu mais: Maria vendo a Paixão de seu Filho, ou Jesus contemplando as dores de sua Mãe?

A própria graça da troca de corações, de que tratam muitos Santos e Doutores, parece ficar aquém desse sublime mistério da Sagrada Escravidão revelado pela *Salve Regina* ao se referir a Jesus como o bendito fruto do ventre virginal de Maria. Com efeito, além de Filha, Mãe, Esposa e Escrava de Deus, Ela é sua Senhora pois, a partir do momento em que o Verbo A escolheu como Mãe, Ele Se fez também seu Escravo. Neste ato se manifesta o cerne da vocação redentora: ser escravo. Poder-se-ia mesmo afirmar que, sem a escravidão da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade ao Pai e a Maria, a Redenção não seria possível.

De outra parte, pelo vínculo de escravidão com seu Divino Filho, Nossa Senhora Se tornou o canal pelo qual a essência da vida trinitária, mútua escravidão de amor, é comunicada aos homens. Desse modo fica patente que os auge de grandeza se revelam por auge de escravidão!

De outra parte, pelo vínculo de escravidão com seu Divino Filho, Nossa Senhora Se tornou o canal pelo qual a essência da vida trinitária, mútua escravidão de amor, é comunicada aos homens. Desse modo fica patente que os auge de grandeza se revelam por auge de escravidão!

¹ Nota da Redação: Mons. João trata extensamente em esta obra sobre o Reino de Maria, era histórica profetizada por São Luís Maria Grignon de Montfort.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conferência*. São Paulo, 14 abr. 1974.

³ SÃO LUÍS MARIA GRIGNON DE MONTFORT. *Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge*, n.48.

⁴ Cf. Idem, n.27; 76.

⁵ A esse respeito, afirma Santo Anselmo: “Deus criou todas as coisas, e Maria gerou a Deus. Deus, que criou todas as coisas, fez-Se a Si mesmo por meio de Maria. E desse modo refez tudo o que tinha feito. Ele, que pôde fazer todas as coisas do nada, não quis refazer sem Maria o que havia sido arruinado [...]. Deus gerou Aquele fora do qual nada existe, e Maria deu à luz Aquele sem o qual nada subsiste. Verdadeiramente o Senhor está contigo, pois quis

que toda criatura reconhecesse que deve a Ti, com Ele, tão grande benefício!” (SANTO ANSELMO DE CANTUÁRIA. *Oratio VII*).

⁶ Explica o Doutor Angélico que, sendo Deus o “*ipsum esse subsistens*”, os próprios conceitos de existência e essência se identificam n’Ele, conforme o Senhor declarou a Moisés: “Eu sou Aquele que sou” (Ex 3, 14). Todas as criaturas têm o ser por participação no Ser divino (cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológi-*

ca. I, q.3, a.4; q.4, a.2; *Summa contra gentiles*. L.I, c.22; *De potentia*, q.7, a.2; *Scriptum super Sententiis*. L.I, d.8, q.4, a.1-2; q.5, a.2).

⁷ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.3, a.7; *Summa contra gentiles*. L.I, c.16; 18; *Scriptum super Sententiis*. L.I, d.8, q.4, a.1.

⁸ Para conhecer mais detalhes sobre a insigne graça recebida por Dr. Plínio, ver: CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa*

**“O clemens, o pia, o dulcis
Virgo Maria!”**

Tanta sublimidade encerra a última tríade de aclamações da *Salve Regina* que se diria ter sido o fiel devoto arrebatado à contemplação dos píncaros de santidade de Nossa Senhora. Se Deus então lhe dissesse “Eis o meu Paraíso!”, daquele coração enlevado brotaria a frase perfeita: “Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre *Virgem Maria!*”

Que maravilhas terá vislumbrado São Bernardo quando, num êxtase, completou com essa breve sentença nossa oração? Certamente o que nem o grande Moisés, nem o ígneo Elias jamais viram: o esplendor da alma de Maria Santíssima, na qual reconheceu a face do próprio Deus! Fascinado por sua luz, ele não encontrou senão esta tríplice exclamação para exprimir a imensa graça recebida: “*O clemens, o pia, o dulcis Virgo Maria!*”

Estava tudo dito. E, no abrasado e aguerrido coração do Doutor Melífluo, já fora fundado o Reino de Maria. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de:

Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens.

São Paulo: Arazos do Evangelho, 2020, v.III, p.129-149



Nossa Senhora das Mercês, por Lippo Memmi –
Catedral de Santa Maria, Orvieto (Itália)

Gustavo Kraijl

de Oliveira. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2016, v.II, p.336-348.

⁹ Em seus escritos, São Luís Maria Grignon de Montfort se refere à escravidão de amor a Maria, por ele preconizada, como um segredo revelado pelo Altíssimo de uma via segura para a santidade (cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Le secret de Marie*, n.1). Mais do que em práticas piedosas, esse segredo consiste em fazer todas as coisas com Maria, em Maria,

por Maria e para Maria; tem por principal fruto estabelecer a própria vida da Santíssima Virgem na alma; e a fidelidade a ele é fonte extremamente rica de novas graças (cf. Idem, n.28; 53; 55).

¹⁰ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge*, n.206.

¹¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.40, a.7; II-II, q.20, a.3.

¹² Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.40, a.8; *Scriptum super Sententias*. L.III, d.26, q.1, a.3.

¹³ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT, op. cit., n.78-82.

¹⁴ Cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *L'amour de la Sagesse Éternelle*, n.226.

¹⁵ Do latim: “A Carne de Cristo é a carne de Maria”.

¹⁶ Nota da Redação: o Autor alude à escravidão de amor

recomendada por São Luís Maria Grignon de Montfort no *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, da qual Nosso Senhor Jesus Cristo nos deu sublime exemplo ao se encarnar no claustro virginal de Maria e ser-Lhe submisso durante trinta anos (cf. SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge*, n.18).

Quem é o “autor” da devoção a Nossa Senhora?

Se São Paulo afirma haver “um só Mediador entre Deus e a humanidade, o homem Cristo Jesus”, por que recorrer à intercessão da Virgem Maria? Não seria mais adequado recorrer diretamente a Nosso Senhor?



Pe. Alex Barbosa de Brito, EP

Ao longo dos séculos, muito se discutiu a respeito do culto prestado a Nossa Senhora, o que concorreu não só para estabelecer suas bases doutrinárias, como também para afevorar os verdadeiros filhos de Maria. Entretanto, embora a devoção à Rainha Celeste esteja chancelada pelo Espírito Paráclito nos dogmas e ensinamentos da Igreja, ainda em nossos dias surgem dúvidas relativas à sua necessidade e origem.

Afinal, Cristo não é o único Mediador?

Com efeito, quantos de nós saberiam responder com segurança se alguém nos perguntasse quem é o “autor” dessa devoção?

Teria sido São Pedro, enquanto primeiro Papa, quem se empenhou em glorificá-la por conhecer seu papel como Mãe da Igreja? Ou aconteceu, talvez, que São João, tomado de arroubos de amor filial, decidiu propagar pelo mundo as grandezas do seu Imaculado Coração?

Não há, contudo, nenhum sinal de que os Apóstolos tenham sido grandes propulsores da devoção a Maria Santíssima. Soma-se a isso que o dirigir-se diretamente a Nosso Senhor

pareceria ser mais conforme às Sagradas Escrituras. Afinal, se São Paulo afirma que há “um só Mediador entre Deus e a humanidade, o homem Cristo Jesus” (I Tim 2, 5), por que recorrer à intercessão da Virgem Maria?

D’Ela recebeu a natureza humana

Diante disso, cabe observar que muitas das declarações feitas por Jesus a respeito de Si, Ele as atribuiu igualmente a outros. Por exemplo, diz ser “a Luz do mundo” (Jo 8, 12), mas concede a seus discípulos idêntico título (cf. Mt 5, 14); apresenta-Se como “o Bom Pastor” (Jo 10, 11), mas confia o cuidado de seu rebanho a Pedro (cf. Jo 21, 15-17).

Algo análogo se passa no que se refere à sua mediação: pode-se atribuir a outros – eminentemente à Santíssima Virgem – de modo derivado e secundário o que compete de modo principal e perfeito ao Redentor. Nesse sentido, o Apóstolo alega completar em sua carne o que falta à Paixão do Senhor (cf. Col 1, 24), sem que o mérito desta tenha sido, de forma alguma, deficiente.

Além disso, São Paulo não afirma simplesmente que o Verbo Eterno do Pai, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, seja o Mediador en-

tre Deus e a humanidade, mas o “homem Cristo Jesus”. Foi em virtude da Encarnação no seio virginal de Maria que o Filho assumiu este papel e, portanto, na própria mediação de Jesus está presente a colaboração de Nossa Senhora, pois foi d’Ela que recebeu sua natureza humana.

“Fez grandes coisas em meu favor...”

Permanece, porém, a pergunta: quem é o “autor” da devoção a Nossa Senhora?

Percorrendo as Sagradas Escrituras encontramos uma sintética cronologia da História da salvação, que pode nos esclarecer algo a esse respeito: “Muitas vezes e de diversos modos outrora falou Deus aos nossos pais pelos profetas” (Hb 1, 1), “mas quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma Mulher” (Gal 4, 4).

Ao entrar no mundo, Ele recebeu um corpo (cf. Hb 10, 5): “o Verbo Se fez carne” (Jo 1, 14), tornando-Se em tudo semelhante a nós, “com exceção do pecado” (Hb 4, 15). Essa obra se iniciou quando “o Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma Virgem desposada com um



Reprodução

Cada um de nós foi posto no colo de Nossa Senhora e gerado como filho seu por obra do Espírito Santo

Nossa Senhora com o Menino Jesus e diversos Santos, por Rafael Sanzio - Metropolitan Museum of Art, Nova York

homem que se chamava José, da casa de Davi” (Lc 1, 26-27a).

“O nome da Virgem era Maria” (Lc 1, 27b), e d’Ela testemunhou sua prima Isabel, ao exclamar cheia do Espírito Santo: “Bendita és Tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre” (Lc 1, 42).

Está bem... Mas quem é, afinal, o “autor” da devoção a essa Virgem bendita? Se ainda nos resta dúvida, perguntemos à própria Nossa Senhora e Ela nos responderá como na Visitação: “Todas as gerações Me chamarão bem-aventurada, porque o Todo-Poderoso fez grandes coisas em meu favor” (Lc 1, 48-49). O sublime e inefável papel que Deus Lhe outorgou no Céu e na terra é a causa da grande devoção dos cristãos à Mãe de Deus.

Fomos postos no colo de Nossa Senhora

Se continuarmos a percorrer o Novo Testamento, encontraremos Jesus realizando o seu primeiro milagre, antes mesmo de chegar sua hora (cf. Jo 2, 4-5), a fim de atender a um

pedido de sua Mãe. E, como por Ela iniciara a vida pública, também por meio d’Ela quis encerrar sua comunicação com os homens. Estando crucificado no madeiro, ao lavar seu testamento de amor Nosso Senhor nos deixou Maria como seu maior legado: “Eis aí a tua Mãe” (Jo 19, 27).

Após ser descido da Cruz, o mesmo Corpo que anos antes a Santíssima Virgem reclinara no presépio (cf. Lc 2, 7) repousou já sem vida em seus braços. O espírito foi entregue nas mãos do Pai (cf. Lc 23, 46) e o Corpo depositado no regaço da Mãe. Que Corpo? O Corpo de Cristo, a Igreja (cf. Col 1, 18), que somos nós (cf. I Cor 12, 27).

Cada um de nós foi posto no colo de Nossa Senhora e gerado como filho seu por obra do Espírito Santo, a ponto de São Bernardo de Clara- val afirmar: “Nada quis Deus conceder-nos que não fosse por Maria”.¹ De fato, se Cristo Senhor é a fonte de água viva (cf. Jo 4, 14), a Santíssima Virgem é o aqueduto através do qual chegam até nós todos os bens que emanam deste manancial sagrado.

Perseveremos com Ela na oração

Após tais considerações, ainda cabe perguntar de onde provém a devoção a Nossa Senhora? Deus é o Autor, com “A” maiúsculo, dessa grande e indispensável devoção!

Assim, não tenhamos receio de perseverar na oração “com Maria, Mãe de Jesus” (At 1, 14), como fizeram os Apóstolos depois da Ascensão. Imitemos os cristãos dos primeiros séculos que, como filhos amorosos, rogavam o auxílio de Nossa Senhora em suas dificuldades: “À vossa proteção recorremos, Santa Mãe de Deus, não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, Virgem gloriosa e bendita”.² ✦

¹ SÃO BERNARDO DE CLARAVAL. En la Vigilia de Navidad. Sermón III, n.10. In: *Obras Completas*. 2.ed. Madrid: BAC, 2005, v.III, p.159.

² Antífona *Sub tuum praesidium*, a mais antiga prece conhecida à Santíssima Virgem, cantada pela Igreja na Liturgia das Horas.

SÃO BONIFÁCIO DE MOGÚNCIA

Pai dos povos germânicos

O pequeno Vinfrido descobriu no claustro beneditino o segredo para o triunfo sobre si mesmo, sobre a barbárie e sobre os infernos. De seu zelo apostólico, coroado pelo martírio, o povo germânico nasceria para Cristo.



Ir. Maria Teresa Ribeiro Matos, EP



Reprodução

Belas paradas militares, cidades eximamente organizadas, succulentas salchichadas, bosques cuja disposição obedece a uma impecável regularidade: eis alguns dos indiscutíveis encantos da Alemanha.

Neles brilha a inocência em ordem de batalha, que cativa, impacta e desperta admiração. Frutos autênticos de um povo civilizado e afeito à disciplina, estes e inúmeros outros aspectos floresceram, sob as bênçãos da Santa Igreja, ao calor de almas valorosas que marcaram a História.

Detenhamo-nos nestas linhas a contemplar uma delas: o homem providencial ao qual coube por missão cristianizar os povos de além do Reno e oferecer por eles sua vida em holocausto.

Deste infatigável apóstolo escrevia um antigo biógrafo: “Ao santo Bispo Bonifácio podem chamar

pai todos os habitantes da Germânia, porque ele os gerou para Cristo com a palavra da santa pregação, os confirmou com os seus exemplos e, finalmente, veio a dar por eles a vida, o que é a maior prova de amor”.¹

Beneditino aos cinco anos de idade

Recuemos agora a finais do século VII, quando a vida sublime, disciplinada e cheia de elevação da Ordem de São Bento ia se expandindo pela Europa. Verdadeiras fábricas de heróis, suas abadias formavam varões e damas num regime de equilíbrio e sacralidade propício a ordenar as tendências da natureza rumo a ideais de grande envergadura.

As almas que ali se santificavam na fidelidade ao seu fundador, seu carisma e sua regra tornavam-se aptas às viagens e façanhas mais

ousadas, às artes e pensamentos mais elaborados, aos sofrimentos e martírios mais terríveis, para glória de Deus e benefício do próximo.

Também a Inglaterra, recentemente cristianizada por Santo Agostinho de Cantuária, havia-se deixado cativar pelas graças beneditinas. E foi ali que nasceu, por volta do ano 680, um menino que rapidamente se enleva por esse modo de viver. Com apenas cinco anos de idade, Vinfrido, de família anglo-saxã, pede para ingressar numa abadia. Seu pai resiste, por julgá-lo ainda muito criança, mas dois anos depois permite sua entrada no mosteiro de Nursling.

Educado na sábia regra de “*ora et labora*”, o pequeno aprende Latim, Métrica, Poesia e Exegese. Quando já adolescente, torna-se professor de Gramática Latina, compõe várias poesias nessa língua e escreve alguns tratados.

Torna-se um homem sacral

A par da brilhante cultura, sua alma é lapidada nas virtudes próprias a um religioso. Pela obediência conquista o domínio sobre sua própria vontade; pela castidade assemelha-se aos Anjos; pela humildade aprende a querer o máximo não para si, mas para a glória de Deus; pela oração e contemplação sobe até o Céu, realizando todas as suas atividades com a mente posta nos mais altos patamares sobrenaturais.

Torna-se, assim, um homem sacral, que não se contenta em possuir no seu interior a sublimidade da graça, mas deseja conquistar para Deus toda a terra. Sinal da autenticidade de seus anseios é a disposição de vencer qualquer obstáculo e de aceitar todos os desafios interiores e exteriores.

Vinfrido é ordenado sacerdote no ano 710, quando contava, provavelmente, trinta anos de idade. Convocado o Concílio de Wessex, recebe uma delicada missão junto ao Arcebispo de Cantuária, na qual obtém tal sucesso que logo sua fama começa a se espalhar. Ao dar-se conta disso, pede permissão a seu abade para ser missionário, renunciando a qualquer prestígio mundano.

A primeira missão fracassa

Os olhos do santo presbítero se voltam para um povo inculto, mas cheio de vigor. E, tendo antes se encomendado a inúmeras comunidades religiosas, que passaram a rezar pelo êxito de seu empreendimento, no ano 716 desembarca nas costas da Frísia, nas proximidades da atual Utrecht.

Após alguns meses auxiliando no seu apostolado o Bispo São Vilibrordo, vê-se obrigado a retornar à pátria, sem ter obtido muito sucesso. Mas a alma de Vinfrido, temperada nas austeridades do claustro, sabia enfrentar os fracassos com galhardia. Tomando esse insucesso como

um desafio, decide preparar-se melhor e esperar uma ocasião propícia para voltar à carga.

Visando munir-se dos mais poderosos meios, aos quais nem os infernos nem mesmo os Céus resistem, dirige-se em 718 a Roma para pedir cartas de apoio ao Papa Gregório II. Ciente do valor daquele varão, o Pontífice mantém-no por um tempo junto a si e, no ano seguinte, com uma carta datada de 15 de maio de 719, envia-o à Germânia com o objetivo de levar a Palavra de Deus aos povos ainda mergulhados nas trevas da idolatria. A fim de consagrar tal mandato, dá-lhe o nome de Bonifácio.

Abatendo o carvalho sagrado

Ao chegar ao coração do território germano, Bonifácio vê o grande labor que tem a desenvolver. A pequena comunidade cristã ali existente encontrava-se em tal decadência que os seus membros chegavam a participar de cultos e banquetes em honra ao deus Thor.

De forma incansável põe-se a campo para atraí-los à verdadeira Religião e, como primeira providência, pede auxílio a seus caros mon-

ges da Inglaterra, muitos dos quais, atendendo a seu apelo, logo acorreram à aquelas terras para eles selvagens e ignotas. Graças a eles, as regiões de Hesse e Turíngia tornam-se, assim, objeto de constantes pregações e missões.

Em certo momento, o Santo decide abater o carvalho “sagrado” de Thor, para demonstrar àquelas almas a impotência dos ídolos e arrancá-las pelas raízes da falsa religião.

Elevado sobre a montanha de Gudenberg, em Geismar, ao oeste de Fritzlar, ele constituía o símbolo do paganismo germânico. Mas Bonifácio, desafiando com audácia o furor dos bárbaros, apanha um machado e começa a golpear aquela simbólica árvore. Os céus mostram-se favoráveis a seu empreendimento: nesse instante começa a soprar um vento impetuoso que a derruba, partindo-a em quatro pedaços.

Vendo aquela manifestação do Deus verdadeiro, um Deus ciumento que julga com justiça, grande número de pagãos converte-se à Fé Católica. Uma capela dedicada a São Pedro é erigida no local antes ocupado pelo carvalho.



Reprodução

Era preciso demonstrar àquelas almas a impotência dos ídolos e arrancá-las pelas raízes da falsa religião!

São Bonifácio derruba o carvalho “sagrado” - Litografia de Heinrich Maria von Hess; na página anterior, vitral da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Santo Afonso, Montevidéu

Bispo e organizador de um exército espiritual

Após três anos de frutuoso apostolado, Gregório II chama Bonifácio a Roma para impor-lhe a dignidade que tantas vezes recusara: o episcopado. Declarou o Pontífice que assim o fazia “para que pudesse, com maior determinação, corrigir e reconduzir os errantes pelo caminho da verdade, para que se sentisse apoiado pela maior autoridade da dignidade apostólica e fosse tanto mais aceito no ofício da pregação, quanto mais demonstrasse que por este motivo fora ordenado pelo prelado apostólico”.²

A mesma despreensão que levava o Santo a negar tantas vezes essa honra, impele-o a inclinar-se diante da vontade do Vigário de Cristo. No dia 30 de novembro de 722, o Sumo Pontífice o ordena Bispo da Germânia, diocese vastíssima que compreendia toda a região transrenana.

Gozando da estima do Papa e contando com o valioso apoio de Carlos Martel, o avô de Carlos Magno, Bonifácio dedica-se a conquistar mais almas para o rebanho de Cristo. Além de Hesse e Turíngia, também a Baviera e outras partes do território germânico beneficiam-se de seu zelo.

O venerável Bispo funda o Mosteiro de São Miguel de Ordhuff, lá estabelecendo sua residência. E, compreendendo a eficácia do exemplo da vida religiosa para civilizar aqueles povos, edifica mosteiros em quantidade. De 740 a 778, vinte e nove são construídos na Baviera.

À frente desse exército espiritual põe seus fiéis colaboradores anglo-saxões, que haviam acorrido a seu apelo no início da missão e perseveravam junto a ele. Entre eles cabe mencionar São Lulo, que mais adiante o su-

cederia na sede episcopal, e a abadessa Santa Léoba.

Reforma da Igreja franca

O zelo de Bonifácio não conhece limites e ultrapassa os já enormes limites de sua diocese. Atendendo ao pedido de Carlomano, filho de Carlos Martel, viaja para a Austrásia e convoca ali o sínodo que passaria para a história com o nome de *Concilium Germanicum*.

Grande era o relaxamento moral naquelas regiões habitadas pelos povos francos, ainda governados pela dinastia merovíngia. Servindo-se desse concílio e de outros sínodos convocados posteriormente, o santo Bispo reestrutura as dioceses, reúne todos os mosteiros debaixo da regra e do carisma beneditinos e consegue uma restituição parcial dos bens da Igreja, utilizados por Carlos Martel em suas constantes guerras. Com

a ajuda dos condes, proíbe também os costumes pagãos ainda existentes.

Para coroar e firmar tais reformas, convoca no ano 747 o Concílio Geral do Império Franco, no qual ficou estabelecida a unidade da Fé, e fá-lo concluir com uma carta de submissão e fidelidade à Sé de Pedro.

Fundação da Abadia de Fulda

No decorrer dos anos, vinha Bonifácio acalentando o desejo de erigir algum mosteiro no qual repousassem seus restos mortais e ficasse de alguma forma perpetuada sua presença junto àquele povo, filho seu.

Com a ajuda de Santo Estúrmio, oriundo de nobre família da Baviera e por ele mesmo educado desde jovem, escolhe um espaço retirado no meio da floresta, no atual estado de Hesse. Tendo-lhes sido cedida de bom grado a propriedade pelo poder real, o discípulo e mais sete monges tomam posse do local e, em 12 de janeiro de 744, começam a levantar com suas próprias mãos a célebre Abadia de Fulda, alternando o trabalho com orações e cânticos de Salmos.

Assim escreverá São Bonifácio ao Papa São Zacarias a respeito da nova fundação: “Lugar selvagem, no ermo de uma vastíssima quietude, no meio dos povos confiados à nossa pregação. Ao construirmos o mosteiro, nele pusemos monges que vivem segundo a regra do Patriarca São Bento, em estrita observância, sem comer carne nem beber vinho ou cerveja, e sem ter criados, contentando-se com o trabalho das próprias mãos”.³

E um pouco mais para a frente, acrescenta: “Nesse lugar, com o consentimento de Vossa Santidade, tenho intenção de restabelecer, com um pouco de descanso, o corpo alquebrado pela velhice, e jazer depois da morte. Porque se sabe que em torno



“Nesse lugar, com o consentimento de Vossa Santidade, tenho intenção de jazer depois da morte”

Catedral de Fulda (Alemanha), erigida sobre a igreja abacial fundada por São Bonifácio

desse local habitam quatro povos, aos quais, ajudados pela graça de Deus, anunciamos a doutrina de Cristo; a eles, enquanto estiver vivo ou válido, poderei ser útil, com a vossa intercessão. Desejo de fato, por meio das vossas orações e com a graça de Deus, perseverar na comunhão com a Igreja Romana e no vosso serviço entre os povos germânicos, a que fui enviado, e obedecer à vossa ordem”.⁴

Ainda em vida de seu primeiro abade, Fulda chegou a abrigar quatrocentos monges, constituindo um manancial de sacralidade e virtude do qual germinaram muitos dos esplendores germânicos da Idade Média.

“Eis o dia há muito desejado!”

Aproximando-se de sua oitava década de vida, São Bonifácio não se sente saciado de amor a Deus. Seu coração arde em desejos de novas conquistas para a Santa Igreja.

Deixando São Lulo como seu sucessor na Arquidiocese de Mogúncia, São Bonifácio resolve enfrentar novamente o desafio com que dera início à sua missão: a conversão da Frísia. “Desejo realizar o propósito desta viagem; não posso de maneira alguma renunciar ao desejo de partir. Está próximo o dia do meu fim e avizinha-se o tempo da minha morte; deixando o corpo mortal, subirei ao eterno prêmio. Mas tu, filho caríssimo, [...] chama sem descanso o povo do abismo do erro, termina



Reprodução

“Eis o dia há muito desejado, chegou o tempo do nosso fim; tende coragem no Senhor!”

Martírio de São Bonifácio - Gravura extraída do livro: “Neerlands heiligen in vroeger eeuwen”, vol. III

a construção da basílica já começada de Fulda e nela sepulta o meu corpo envelhecido por longos anos de vida”,⁵ escreve a seu sucessor.

Na primavera de 754 parte para a Frísia, acompanhado por cerca de cinquenta monges, para evangelizar povos ainda mais selvagens que aqueles com os quais até então convivera.

Após alguns meses de árduo, porém fecundo apostolado, o Santo resolve reunir todos os convertidos na cidade de Dokkum, na atual Holanda, a

fim de administrar-lhes o Sacramento da Confirmação. Corria o ano de 755. No horário marcado, eis que os religiosos veem chegar, em lugar dos cristãos, uma feroz tropa de bandidos.

O fiel Bispo encontra-se em sua tenda, lendo um livro. Ao ver avançar sobre si a horda bestial, levanta-se com coragem e diz: “Eis o dia há muito desejado, chegou o tempo do nosso fim; tende coragem no Senhor. Sede fortes, não vos deixeis aterrar por aqueles que matam o corpo, mas não podem matar o espírito imortal; alegrai-vos no Senhor e fixai a âncora da vossa esperança em Deus, que depressa vos dará a paga do prêmio eterno e um lugar no Reino Celeste com os cidadãos do Céu, que são os Anjos”.⁶ Usando o livro para defender-se, é golpeado na cabeça e apresenta-se ante seu Senhor para receber a recompensa tão merecida.

Ao saberem do ocorrido, os cristãos da Frísia apressam-se em recolher as preciosas relíquias dos mártires: São Bonifácio e os cinquenta e dois que com ele subiram vitoriosos ao Céu. O corpo do pai dos povos germânicos foi trasladado para a Abadia de Fulda, não sem resistência dos fiéis das Dioceses de Utrecht e de Mogúncia, que desejavam tê-lo consigo.

Assim culminou a gloriosa epopeia daquele menino que, no silêncio e na disciplina do claustro beneditino, descobriu o segredo do triunfo sobre si mesmo, sobre a barbárie e sobre os infernos. ✧

¹ OTLOHO. Vitæ Bonifatii. Liber I. In: LEVISON, Wilhelmus (Ed.). *Vitæ Sancti Bonifatii Archiepiscopi Moguntini*. Hannoveræ-Lipsiæ: Impen-

sis Bibliopolii Hahniani, 1905, p.158.

² Idem, p.127.

³ SÃO BONIFÁCIO DE MOGÚNCIA. Epistola 86. In: TANGL, Michael (Ed.). *Epi-*

stolæ Selectæ. S. Bonifacii et Lulli epistolæ. Berolini: Weidmannos, 1916, t. I, p.193.

⁴ Idem, p.193-194.

⁵ WILLIBALDO. Vita Bonifatii. In: LEVISON, Wilhelmus

(Ed.). *Vitæ Sancti Bonifatii Archiepiscopi Moguntini*. Hannoveræ-Lipsiæ: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1905, p.46.

⁶ Idem, p.49-50.

Somos a artilharia de Deus!

O que aconteceria se as balas de nosso guerreiro imaginário pudessem se mover por conta própria em direção ao alvo? Que pensamentos povoariam a “mente” dessas curiosas munições?



Ir. Eduarda Batista Dias, EP

Imaginemos um pelotão formado pelos mais adestrados soldados que a história bélica já conheceu. Nele encontraríamos homens de diferentes origens e capacidades inigualáveis: um teria o título de melhor atirador, outro seria o mais hábil em infiltrar-se nas posições inimigas, um terceiro resultaria invencível no combate corpo a corpo...

Todos teriam em comum as cicatrizes da luta, as fisionomias amadurecidas pelo risco, pelas vitórias e, sobretudo, pelos fracassos, elementos que formam a personalidade de um verdadeiro militar. E por cima do conjunto desses guerreiros, natural-

mente, pairaria o “melhor entre os melhores”, o comandante.

Se nos fosse dada a honra de conversar com cada um deles, descobriríamos, sem dúvida, um universo de táticas e estratégias aprendidas no fragor do combate. Diríamos tratar-se de um conjunto indestrutível em qualquer campo de batalha para o qual o convocassem, dada a invejável formação e têmpera de seus integrantes.

Ora, esses soldados, apesar do seu perfeito treinamento, jamais poderiam lançar-se à luta sem contar com armamento adequado. Grande temeridade seria se o fizessem, pois todo militar, por mais adestrado que

seja, precisa de armas e de munições para vencer.

Munições... com vontade própria?

Imaginemos agora um destemido soldado que, tendo nas mãos seu fuzil, mira num certo alvo e atira com precisão. O que faz o projétil ao sair do canhão senão obedecer prontamente às ordens do militar, dirigindo-se sem desvio para o local apontado?

Todavia, o que aconteceria se, por absurdo, as balas desse nosso bom guerreiro pensassem e se movessem por conta própria? Que cogitações povoariam a “mente” de tais munições? Poderíamos levantar diversas hipóteses a esse respeito...

Quicá algumas balas audaciosas considerassem com entusiasmo, no momento de serem lançadas, a honra que poderiam obter se, atingindo o alvo, conseguissem com seu impacto decidir o fim da batalha! Outras, de temperamento mais admirativo, sentiriam imensa alegria por estar servindo tão certo atirador, e confiariam cegamente em sua infalível pontaria.

Mas é possível também que determinado gênero de munições acabasse questionando a sábia mira do militar, e decidisse desviar-se da rota por ele traçada para acertar outro alvo “mais adequado”, segundo seus



Apesar de seu perfeito treinamento, esses soldados jamais poderiam lançar-se à luta sem contar com o armamento adequado

Gravura representando a tomada de um bastião, durante o cerco de Roma, em junho de 1849 - Museu Napoleônico, Roma

parvos critérios... Outras balas, cheias de medo e insegurança, talvez desistissem no meio do percurso de atingir seu objetivo. Outras, ainda, julgariam estar sua meta demasiadamente longínqua e indefinida e, já no instante de assestar a arma, diriam: “Ah, é melhor jogar-se no chão logo ao sair do fuzil, para não correr o risco de ficar pela metade do caminho...”

Que grande derrota sofreria um soldado que dispusesse de munições como essas últimas...

Somos as armas do exército celeste!

Esta singela metáfora bem pode ser aplicada à situação de cada homem em particular.

Desde a expulsão de nossos primeiros pais do Paraíso Terrestre, a vida humana tornou-se uma luta constante (cf. Jó 7, 1): os filhos da luz batalham contra os filhos das trevas, e a raça da Virgem contra a raça da serpente. Combate-se não apenas pela conquista do eternidade feliz, mas também pelo triunfo definitivo de Deus na História, isto é, pela instauração daquilo que suplicamos com tanta ânsia no Pai-Nosso: “Venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu”.

Nessa renhida guerra, nós, que vivemos na terra, somos a artilharia de Deus!

Nossa Senhora, os Anjos e os Bem-aventurados do Céu, que compõem a Igreja Gloriosa, precisam unir-se a nós, que somos a Igreja Militante, para fazer triunfar no tempo a causa do bem. E se eles nos guiam



Nessa renhida guerra, nós, que vivemos na terra, somos a artilharia de Deus!

“Al pie del cañón”, cenas do cerco de Belchite, durante a Guerra Civil Espanhola, por Augusto Ferrer Dalmau

nessa gloriosa peleja, devemos ser dóceis instrumentos em suas mãos. Como?

Em primeiro lugar, estando vigilantes! Como as “balas” da metáfora, somos dotados de razão e vontade. Qual é a nossa reação diante dos desígnios de Deus, frequentemente manifestados a nós com tanta clareza? Quantas vezes Nossa Senhora ou nossos fiéis Anjos da Guarda não esperam que sejamos obedientes aos conselhos e inspirações por eles sussurrados no fundo de nossas almas?

Estejamos atentos para ouvi-los e, à maneira de “balas” cheias de fidelidade, obedeçamos sem hesitar um instante sequer! Ainda que não entendamos o motivo das ordens recebidas ou sintamos o desejo de fugir por causa dos sacrifícios exigidos, a graça nunca nos faltará. Mais cedo ou mais tarde tudo ficará claro aos nossos olhos, se não nesta vida, sem dúvida nas alegrias da eternidade.

“O amor é forte como a morte”

Exatamente assim agiram os Santos em sua existência terrena: pela prática da virtude da caridade, aban-

donaram-se nas mãos do Supremo Atirador. Sabiam eles que a verdadeira vitória só pode ser conquistada quando a vontade humana, com o auxílio da graça, conforma-se com a de Deus: “Nada deve-se fazer que não seja conforme os planos de Deus, obedeça suas ordens e siga o impulso de sua graça. [...] Nós nascemos para obedecer a suas determinações”¹

Se diante dessa perspectiva, porém, nossa frágil vontade se sentir debilitada

pelas misérias e faltas passadas, não nos deixemos abater. Há um supremo remédio para nossa fraqueza: o amor!² Ele “é forte como a morte: [...] suas centelhas são centelhas de fogo, uma chama divina” (Ct 8, 6).

De dentro do nosso nada, saibamos olhar com enlevo para Aquele que é nosso Pai amorosíssimo, nosso afetoso Guia, nossa Esperança eterna. Veremos, então, como Ele nos fita com misericórdia, e como está pronto a nos restaurar por inteiro!

Amemo-Lo com todo o coração, e logo os Anjos nos carregarão sobre suas asas, os Santos nos levarão pela mão, e todos os nossos critérios, vontades próprias e inconformidades serão consumidos pelas chamas puríssimas desse amor transformante! ✧

¹ LEHODEY, *El santo abandono*, apud ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Teología de la perfección cristiana*. 6.ed. Madrid: BAC, 1988, p.769.

² Afirma Leheyde que é próprio ao amor unir nossa vontade à de Deus. Esse grau de conformidade é um exercício muito elevado do puro amor e não pode ser encontrado senão nas almas que dele vivem (Idem, p.770).

Irremediável desastre, prodigiosa cura

Após o acidente, dei-me conta de que meu estado era muito grave e que, salvo um milagre, morreria. Então, prometi a Dona Lucilia que, se ela me ajudasse, iria depor em sua beatificação e propagar a devoção a ela. É o que faço nestas páginas.



Ir. Ana Lúcia Dal Piccolo Iamasaki, EP

Ao acompanhar a narração do Evangelho, deparamo-nos em certo momento com um episódio pungente: compadecido de dez leprosos, Nosso Senhor concede-lhes a cura, porém apenas um deles volta para agradecer tão grande dom. Fato que valeu do Divino Mestre a paternal admoestação: “Não ficaram curados todos os dez? Onde estão os outros nove?” (Lc 17, 17).

A gratidão é um dever de justiça, mas também, segundo se diz, a mais rara das virtudes. É preciso um esforço todo especial da nossa parte para jamais negligenciá-la.

À semelhança desse homem que não hesitou em procurar Jesus para render-Lhe graças, quero deixar consignada aqui minha afetuosa e filial gratidão a Dona Lucilia Corrêa de Oliveira pelo imenso favor que por sua intercessão recebi, e espero que estas linhas sejam de benefício espiritual para quantos as leiam.

Um desastre aparentemente irremediável

Eram por volta das duas horas da tarde, do dia 31 de março de 2014, quando, viajando de Joinville para São Paulo na BR 101, sofri um grave acidente. A condutora do automóvel

em que me encontrava teve de frear bruscamente devido a um incidente não sinalizado na estrada, e o carro que vinha logo atrás de nós não conseguiu parar a tempo, atingindo a parte traseira do nosso veículo, bem no lado onde eu estava.

Foi tudo muito rápido. Percebi que minha boca sangrava e queria me mexer, mas não conseguia sequer mover o pescoço. Dei-me conta de que meu estado era muito grave e que, salvo um milagre, morreria. Então prometi a Dona Lucilia que, se ela me ajudasse, iria depor em sua beatificação e propagar a devoção a ela. Pedi também que me concedes-



Ir. Ana Lúcia na UTI do hospital

Quando acordei me encontrava na UTI; como o acidente fora muito grave, a imprensa já estava pedindo informações



Estado do carro após o acidente

se pelo menos mais alguns minutos de vida para poder receber a Unção dos Enfermos. Graças a Deus, havia me confessado antes de iniciar a viagem.

Enquanto assim rezava, ouvi as pessoas que passavam pela rodovia gritarem que o carro iria pegar fogo, pois havia óleo ou algum combustível derramado na pista. Pedi às irmãs que me acompanhavam – graças a Nossa Senhora nenhuma das quatro se feriu gravemente – que me tirassem do veículo. Mas elas não podiam fazer isso, era preciso esperar o resgate.

Chegado o socorro médico, logo os profissionais me retiraram do veículo. Percebendo a gravidade de meu estado, chamaram o helicóptero e fui levada para o hospital, em Joinville.

Ali me esperavam algumas irmãs e um sacerdote arauto, que imediatamente me deu a Unção dos Enfermos. Em seguida, conduziram-me para a emergência e começaram os procedimentos para esse tipo de acidente. Havia quebrado a quarta e quinta vértebras cervicais e lesado a medula; estava tetraplégica e tinha pouca chance de vida.

Quando acordei, já me encontrava na UTI. Foi aí que a enfermeira-chefe perguntou em que momento chegaria a Joinville alguém da minha família, pois, como o acidente era muito grave, a imprensa estava pedindo informações.

Dona Lucília e as orações do fundador

Ainda não sabia o que Nossa Senhora queria de mim, até que uma das irmãs veio me visitar, trazendo a notícia de que Mons. João desejava que eu vivesse. Estava rezando muito por mim e havia afirmado que sairia bem daquela situação trágica. A irmã também comentou que, após a partida do helicóptero, elas pude-



Dona Lucília Corrêa de Oliveira fotografada por Mons. João Scognamilio Clá Dias, pouco antes de sua morte

Nos longos períodos de solidão e de dor, animava-me olhar para a foto de Dona Lucília

ram contemplar no local do acidente um bonito arco-íris, dando uma ideia de esperança no meio daquela catástrofe.

Tudo isso me trouxe grande alento, embora por diversas vezes parecesse que iria morrer. Num dos primeiros dias de UTI, por exemplo, estava fazendo fisioterapia respiratória, quando minha oxigenação diminuiu e comecei a sentir falta de ar. Perdi a consciência e, ao recuperá-la após algumas horas, já não podia mais falar, pois tive de ser entubada.

Dois dias depois da internação fui submetida a uma delicadíssima intervenção cirúrgica no pescoço.¹ O profissional responsável pelo procedimento comentou posteriormente que havia feito sua obrigação enquanto médico, mas não via esperança de sobrevivência em mim. Lembro que quando este facultativo veio me visitar, perguntou-me o que eu queria, e respondi apenas mexendo os lábios, pois não conseguia falar, que desejava a cura. Então ele me disse, penalizado: “Ah, mas isto, só o Papai do Céu”.

O que mais me dava forças de lutar para viver era pensar que Mons. João estava rezando por mim e queria muito que eu vivesse. Creio que eu teria morrido neste acidente, mas as orações dele – incluía sempre a minha cura nas intenções de suas Missas – e sobretudo o seu desejo, enquanto fundador, mudaram os desígnios de Deus a meu respeito. Assim, nos longos períodos de solidão e de dor, animava-me olhar para a foto de Dona Lucília que ficou comigo no hospital durante os quase três meses que passei ali, e recordar as palavras de Mons. João sobre mim ao colocar as intenções de suas Missas: “Que a Ir. Ana Lúcia viva, viva e viva!”

Transcorridos alguns dias, um sacerdote arauto, que é também médico, viajou de São Paulo para me visitar na UTI e verificar o meu estado de saúde. Ele teve a bondade de telefonar para Mons. João, a fim de que me dissesse algumas palavras: “Salve Maria, filhinha! Não se preocupe, você vai ficar boa, você vai viver, você vai andar. Eu já a vejo andando”.

“Sua filha é a paciente mais grave da UTI”

Seria por demais extenso contar tudo o que aconteceu comigo nesse

período. Basta dizer que tenho documentados e guardados todos os exames e registros de evolução médica, num volume total de aproximadamente quinhentas páginas...

Por causa de episódios de atelectasia, meus pulmões muitas vezes quase fechavam e não conseguia respirar; usei dreno torácico; tive duas pneumonias; precisei receber transfusão de sangue; usava sonda nasal e vesical; fui submetida a gastrostomia, pois não conseguia sequer engolir a própria saliva.

Estive consciente praticamente todo o tempo e, como o meu leito ficava na frente do balcão dos médicos e enfermeiros, escutava as informações transmitidas a cada troca de plantão. Compreendia bem que o quadro era gravíssimo, a ponto de uma enfermeira dizer para a minha mãe: “Sua filha é a paciente mais grave da UTI”.

Uma das médicas que acompanhavam o meu caso comentou com um sacerdote que havia me visitado: “Essa daí, se sobreviver, vai ficar desse jeito...” A minha situação piorava a cada dia, aumentando a certeza de que sobreviveria somente por um milagre.

Entretanto, Mons. João mantinha uma fé inquebrantável na minha cura. Apesar das preocupantes notícias que lhe chegavam sobre o meu estado, ele persistia em afirmar: “Ela vai viver e vai ficar boa”. E continuava rezando: “Pela cura da Ana Lúcia”.

Um sonho prenunciativo da inexplicável melhora

Como é permitido pela Igreja renovar a Unção dos Enfermos sempre que há perigo de morte, recebi este Sacramento mais de uma vez no decorrer daquelas semanas, até que o meu caso começou a se estabilizar um pouquinho e me deram alta da UTI. Todos os arautos ficaram muito contentes e surpresos com a notí-



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Apesar das preocupantes notícias que lhe chegavam, ele mantinha uma fé inquebrantável na minha cura

cia, mas quando contaram a Mons. João, ele não se surpreendeu e exclamou: “Eu disse, ela vai sair dessa”.

No quarto do hospital, ainda tive graves intercorrências, sobretudo referentes à parte respiratória, pois a oxigenação com certa frequência diminuía. Estando deitada, não havia posição em que não sentisse dores. Também não suportava ficar sentada por muito tempo e, para me passarem da cama para a poltrona, ou vice-versa, era necessário a equipe de enfermagem realizar uma operação complicada.

Num sábado de manhã, certo médico que acompanhava o meu caso, mas havia algum tempo não me visitava, foi até o quarto para contar um sonho que tivera comigo, no qual eu falava e me movia... o que não fazia mais. Quão surpreso ele ficou ao entrar, por ver-me mexer as mãos e ouvir-me pronunciar umas palavras, embora com a voz ainda deformada pela traqueostomia, realizada em determinado momento. Saiu emocionado e disse para a minha irmã: “Isto é um milagre. Deus existe mesmo!”

Aos poucos, sem explicação clínica, fui melhorando e quase não corria mais risco de vida. Comecei a movimentar paulatinamente os membros superiores, até que um dia uma das profissionais que me assistiam foi me visitar e disse: “Ana, você, que é tetraplégica, tem que ficar contente se algum dia conseguir manusear sua própria cadeira de rodas e ser uma cadeirante independente”. Então respondi: “Eu não sou tetraplégica, e com a graça que Dona Lucília vai me dar e as orações do meu fundador, eu vou andar!”

Dito isso, comecei a mexer a perna... As técnicas de enfermagem que estavam no quarto se puseram a chorar de emoção e saíram bradando no corredor do 6º andar do hospital o que tinha acontecido. A mé-



dica ficou assustada e exclamou: “Como você, que é tetraplégica, está mexendo a perna? Ana, para que Santo você rezou?!” Apontei para a foto de Dona Lucilia e contei que desde o momento do acidente havia pedido o milagre a ela, prometendo que daria o meu testemunho para a sua beatificação. Também comentei que a própria doutora poderia dar o seu depoimento enquanto médica, ao que me respondeu: “Vamos lá para Roma, que eu vou falar com o Papa!”

Meu caso reacendeu a fé em muitos corações

A partir desse dia, muitos funcionários do hospital vinham ao meu quarto pedir orações. Em certa ocasião uma senhora, referindo-se à foto de Dona Lucilia, confidenciou: “Eu olho para ela e sinto que preciso pedir uma graça”. E uma técnica de enfermagem contou-me: “Ana, você é o nosso milagre. O seu caso é o mais comentado do hospital”.

Esta profissional sentiu-se tão atraída pela história de Dona Lucilia que pediu a ela a graça de ter outro filho, pois tinha somente um e por problemas de saúde não conseguia mais engravidar. Alguns meses depois, pude conversar com ela por telefone, e me informou que havia recebido a graça e em breve daria à luz outra criança.

Uma técnica de enfermagem do turno da noite, católica, porém afas-

tada da Igreja, comentou: “Eu não sei exatamente por que você sofreu este acidente, mas acho que pode ter sido para que as pessoas cresçam na fé. Muita gente aqui neste hospital não tinha mais fé e diziam que milagre nos nossos dias não existe mais; agora, várias pessoas estão se convertendo”.

O enfermeiro que me recebeu quando cheguei à emergência sempre levava seus alunos de enfermagem para me visitar, contando-lhes o milagre de eu estar viva e as evoluções inesperadas do meu caso.

Finalmente, no dia 11 de junho, dei alguns passos no corredor do hospital, com duas fisioterapeutas me auxiliando. Esta cena foi presenciada por médicos, enfermeiras, técnicas de enfermagem e pacientes que ali estavam.

Hoje tenho uma vida normal, com apenas algumas sequelas no que tange à força dos membros superiores e inferiores da parte esquerda. Continuo fazendo fisioterapia motora uma vez por semana, mas sou independente, caminho sem andador ou qualquer tipo de amparo, e estou responsável por uma das casas que a Sociedade de Vida Apostólica Regina Virginum possui em São Paulo.

Em suma, inúmeras foram as circunstâncias em minha vida nas quais pude comprovar a maternal proteção de Dona Lucilia, mas após este acidente fui solidificada na certe-

za de que, confiando em sua bondade e intercessão, nunca se está abandonado e nunca há situação sem saída, por piores que sejam os desastres pelos quais passemos. Pois, como disse certa vez Dr. Plínio, Dona Lucilia “possui um amor transbordante não só para com os dois filhos que teve, como também para com filhos que ela não teve. Dir-se-ia que ela era feita para ter milhares de filhos”...² ✧

¹ Logo no início, foi realizada uma tração halo-craniana para reduzir a fratura-luxação da quarta e quinta vértebras cervicais. O procedimento cirúrgico, acessando pela parte anterior do pescoço, consistiu propriamente na descompressão da medula (corpectomia) e na fixação desde a terceira até a sexta vértebras cervicais através de uma placa (artrodese).

² CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Dona Lucilia*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, p.615.

*Confiando na
bondade e
intercessão dela
nunca se está
abandonado e
nunca há situação
sem saída*

Embaixo, aspectos da vida comunitária na Casa Santa Hildegarda, pela qual a Ir. Ana Lúcia é responsável



Fotos: Maria Lúiza B. de Albuquerque



Abençoando dos ares... e até do mar!

O correu em muitas das cidades onde os Arautos atuam: de Asunción a Lisboa, de Campo Grande a Maputo, passando por São Paulo, Ponta Grossa, Fortaleza, San José (Costa Rica) e San Salvador. De helicóptero, escuna

ou avioneta, sacerdotes e diáconos da instituição conduziram com a devida reverência o Santíssimo Sacramento ou portaram com amor filial uma imagem de Maria Santíssima, rezando, cantando ou recitando o Santo Rosário. O ob-



São Paulo



Ponta Grossa



Maputo



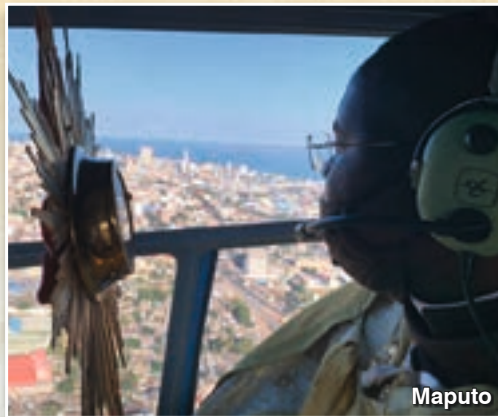
San José



São Paulo



Fortaleza



Maputo

jetivo era sempre o mesmo: manifestar nossa fé e confiança na Providência Divina e pedir a Nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de sua Santíssima Mãe, que proteja e abençoe os fiéis nos dias difíceis pelos quais passamos.

Vivemos, com efeito, tempos de grandes mudanças. Diante do panorama que se descortina aos nossos olhos, os cálculos e forças humanas pouco valem. Mas por que nos perturbarmos? Não diz Jesus, no Evangelho, que até os cabelos da nossa cabeça estão todos contados (cf. Lc 12, 7) e que nenhum deles cai sem permissão divina (cf. Lc 21, 18)? Próximos da realização das promessas de Fátima, e sentin-

do a impotência humana diante das enfermidades, das forças da natureza até das vicissitudes da economia global, chegou a hora de olharmos para o Alto. É preciso, mais do que nunca, pedir que a bênção de Jesus e de Maria desçam sobre nós e nos protejam em toda e qualquer circunstância, por mais complicada que seja.

Foi esse o espírito com que os Arautos do Evangelho realizaram as procissões aéreas e marítimas. E é também com essa impostação que procuram realizar todas as atividades do dia a dia, nesta época de pandemia e confinamento. ✧



San Salvador



Lisboa



Campo Grande



Asunción



Fortaleza

Fotos: Arautos do Evangelho

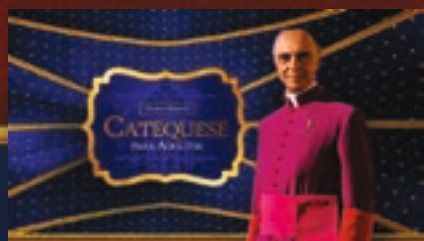
RECONQUISTA

FORMAÇÃO CATÓLICA

“O conhecimento e a Fé
são duas asas que nos
conduzem à santidade”

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP
Fundador dos Arautos do Evangelho

Foi por isso que os **Arautos do Evangelho**
prepararam para você e sua família
a plataforma de Cursos Online **Reconquista**.



Novos cursos a cada mês,
e os **primeiros já estão disponíveis:**

- ✓ Matrimônio católico
- ✓ Catequese para adultos
- ✓ Latim litúrgico
- ✓ Consagração a Nossa Senhora
- ✓ O caminho para a santidade
- ✓ Seja íntimo de Nossa Senhora



**Acesse já
e inscreva-se**

WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG



ACONTECEU NA IGREJA E NO MUNDO.....



Médicos norte-americanos defendem a reabertura das igrejas

Em fins de maio foi publicado no site da Catholic Medical Association um estudo organizado por especialistas de hospitais e universidades de renome nos Estados Unidos, no qual se defendia a reabertura das igrejas no país.

Segundo estes profissionais, as igrejas podem ser reabertas “com tanta segurança quanto outros serviços essenciais”. O Dr. Anushree Shirali, nefrologista da Universidade de Yale, afirma até mesmo que as Missas podem ser consideradas mais seguras do que muitos desses serviços.

Os autores do estudo (formados em Yale, Columbia, UCLA e Mayo Clinic) questionam a ideia de que as igrejas apresentam riscos maiores para a propagação do vírus e enfatizam que elas devem ser consideradas parceiras essenciais na reconstrução da sociedade após a pandemia. “Há razões para acreditar que as igrejas podem fazer um trabalho ainda melhor protegendo as pessoas do que outras instituições da sociedade”, diz o documento.

Imunobiologista em Yale, onde está envolvido em pesquisas clínicas sobre o vírus, o Dr. Andrew Wang diz não encontrar claras razões científicas que justifiquem que um restaurante no qual se prepara alimento para mais de mil pessoas seja considerado mais seguro do que permitir os católicos de frequentarem a Missa.

Os médicos também argumentaram que, em meio a esta pandemia, os Sacramentos e o ministério da Igreja são de vital importância. Segundo eles, além dos efeitos do vírus no bem-estar físico, há também

as consequências psicológicas do “estresse e ansiedade” causadas pelo retrocesso da economia e a incerteza com relação ao futuro. Por isso, o Dr. Wang conclui expressando seu desejo de que “a Igreja possa ajudar nesta crise global, como em todas as outras crises globais anteriores a esta”.

Trapistas retomam produção da melhor cerveja do mundo

Na cidade belga de Vleteren, os monges da Abadia de Saint-Sixtus retomaram a produção da cerveja Westvleteren 12, considerada uma das melhores do mundo. Tal produção, que havia sido interrompida devido à pandemia do COVID-19, constitui uma das principais fontes de subsídios do mosteiro, e por esse motivo deliberaram continuá-la.

Um dos religiosos de Saint-Sixtus, Irmão Godfried, explica ser tradição beneditina que os monges se sustentem com o fruto de seu trabalho. “Isso significa, em concreto, que temos de viver da nossa fábrica de cerveja”, conclui o trapista.

Pandemia atrasa reconstrução da Catedral de Notre-Dame

As circunstâncias geradas pela pandemia levaram o governo da França a interromper temporariamente as obras de reconstrução da Catedral de Notre-Dame, inicialmente planejadas para serem concluídas num prazo de cinco anos.

No momento, não há nova previsão para a reabertura deste histórico monumento da Cristandade.

Enquanto isso, as investigações sobre as causas do misterioso incêndio do dia 15 de abril de 2019 permanecem sem conclusões concretas. Em entrevista à revista *Marianne*, o presidente da Associação dos Arquitetos do Patrimônio Francês, Rémi Désalbres, afirma que “as hipóteses sobre a origem do incêndio evocam uma ponta de cigarro ou um curto-circuito elétrico. Para a maioria dos especialistas, em particular para os arquitetos especializados em monumentos históricos, essas hipóteses nos parecem, porém, pouco convincentes”.



A Catedral de Notre-Dame durante o devastador incêndio de 15/4/2019

A histórica cerveja começou a ser confeccionada no ano de 1839, quando o Rei Leopoldo I concedeu licença aos monges para tal. Apesar disso, sua comercialização só teve início mais tarde, em 1878.

Os dezenove religiosos da Abadia de Saint-Sixtus produzem anualmente cerca de cinco mil barris da bebida, que é vendida em pequenas quantidades na porta do mosteiro. O motivo da produção limitada é impedir que o trabalho na cervejaria sobreponha a vida de piedade, pois um dos lemas destes monges é “não vivemos para fazer cerveja, fazemos cerveja para viver”.

A Eucaristia é tão necessária quanto o pão material

No dia 6 de maio, a agência *Asia-News* publicou uma carta redigida por um missionário do Pontifício Instituto de Missões Estrangeiras (PIME) nas Filipinas, o Pe. Stefano Mosca. No documento, que almeja contribuir para o debate na Itália, o sacerdote chama a atenção para a importância do acesso aos Sacramentos, especialmente durante o período de isolamento gerado pela pandemia do vírus COVID-19.

Segundo ele, a comunidade católica da Ilha de Mindanao, local em que

tem atuado nos últimos catorze anos, já mostra sinais de colapso. Embora o Estado se preocupe em enviar algumas ajudas que aliviam parcialmente as necessidades nutricionais da população, o mesmo não ocorre com a necessidade espiritual, afirma o presbítero: “Quem se importa em distribuir a Eucaristia nas ruas das aldeias, para que a alma também seja nutrida, e não apenas o corpo?”

Após apontar que o maior erro das autoridades governamentais foi ter esquecido que o homem “não é apenas um estômago”, Pe. Mosca conclui que a verdadeira crise dos dias atuais é a de “uma vida cristã obrigada pelas atuais circunstâncias a ficar em ‘modo de espera’, confiando em não desaparecer por completo”.



A Comunhão na boca é mais segura sob o ponto de vista médico

Após o retorno das Missas públicas na Itália no dia 18 de maio,

o presidente da Associação de Médicos Católicos Italianos, Prof. Dr. Filippo Maria Boscia, manifestou contentamento com a medida e expressou sua opinião a respeito da maneira mais apropriada, do ponto de vista da saúde pública, de se ministrar a Comunhão.

Segundo o Prof. Boscia, que é um profissional muito reconhecido em seu país, as mãos são a parte do corpo mais exposta aos vírus. Por essa razão, ele defende que “a Comunhão na boca é mais segura”, uma vez que “a Comunhão nas mãos é definitivamente mais contagiosa”.

A esse parecer acrescenta um comentário a respeito de outras práticas que têm sido empregadas na distribuição do Santíssimo Sacramento: “Eu li informações sobre as pinças e também sobre a proposta de distribuir as hóstias consagradas em pequenos envelopes. Pois bem, depois da gripe espanhola, continuamos praticando a comunhão oral, e tudo foi como antes. Acredito que estamos cruzando a linha do senso comum. Não deveríamos perseguir certas coisas. Cuidar da saúde, sem dúvida, é importante, mas não deveria levar-nos a exageros e extravagâncias”.



APOSTOLADO DO ORATÓRIO MARIA RAINHA DOS CORAÇÕES

RECEBA O ORATÓRIO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA EM SUA CASA, UM DIA POR MÊS. SEJA TAMBÉM UM COORDENADOR DESTA APOSTOLADO E ORGANIZE A SUA PEREGRINAÇÃO PELAS CASAS DA SUA VIZINHANÇA. É MUITO FÁCIL.

ENTRE EM CONTACTO CONNOSCO POR:

TEL.: 212 389 596 - FAX.: 212 362 299

AV. DE BERNA, Nº 30 - 2º E 1050-042 - LISBOA

E-MAIL: oratorio@arautos.pt

Basílica de Minneapolis foi danificada durante protestos

Os protestos que têm atingido a cidade de Minneapolis afetaram também a histórica Basílica de Santa Maria. Desordeiros entraram no templo e jogaram artefatos incendiários nos bancos, causando graves danos em alguns deles. Afortunadamente, o incêndio foi controlado antes que chegasse a atingir proporções maiores.

A Basílica de Santa Maria foi dedicada no ano de 1914, como uma pró-catedral para a Arquidiocese de Saint Paul e Minneapolis. O Papa Pio XI a designou basílica menor em 1926, a primeira igreja a ser assim denominada no país.



en.wikipedia.org



Fotos: Reprodução

Acima, fotos publicadas nas redes sociais mostram os estragos feitos nos bancos pelo fogo; em destaque, fachada principal da Catedral

GAUDIUMPRESS

A primeira agência de notícias católicas do Brasil

• Portuguese • Spanish • English

gaudiumpress.org



• *Notícias* • *Opinião* • *Vídeos* • *Imagens*

Notícias do Brasil e do mundo

**Faça sua assinatura
gratuitamente em**

gaudiumpress.org

- ✓ 30 dias com o Papa
- ✓ Mundo
- ✓ Opinião
- ✓ Roma
- ✓ Espiritualidade

Registre o nosso número **+55 11 988051031**
ENVIE UMA MENSAGEM E RECEBA NOTÍCIAS





O leão e a formiga



Luísa parou estarecida diante do rei dos animais. Sua presença era imponente, majestosa e altaneira. Entretanto, decidiu fazer-lhe um pedido... Como poderia uma formiga ganhar as boas graças do leão?



Denise María Ruiz Reyes

Certo dia, a pequena Luísa passeava pelas várias fortalezas que havia no seu território e, encantada, ia entrando em cada uma para melhor contemplar as maravilhosas construções feitas por suas antepassadas. Sim, pois Luísa fazia parte de uma dinastia de formigas que moravam havia muitos anos naquela região.

Estava já quase no final do seu percurso, quando ouviu:

— Silêncio, por favor!

Curiosa por saber do que se tratava, entrou numa grande sala e se deparou com uma multidão de formiguinhas, tendo aula com a formiga-mestra.

— Hoje vamos aprender sobre o rei leão! – prosseguia a professora. Ele é o animal supremo. Devemos olhá-lo com temor e respeito, honrá-lo e venerá-lo. Mas ao mesmo tempo tomar muito cuidado com ele, pois se o contrariarmos em qualquer coisa, por menor que seja, estaremos pondo nossas vidas em risco. Sendo tão poderoso, basta-lhe um gesto para que de nós, formigas, não sobre nem pó para guardar de lembrança.

Luísa seguiu seu caminho pensativa, imaginando como devia ser esse “animal supremo”...

Algumas semanas depois, saiu a passear pela floresta. Ia alegre e animada, pensando qual seria o melhor

alimento para a colheita do dia. Então, seus dois olhinhos foram atraídos por algo que jamais tinha visto: uma cerejeira! Aqueles frutos vermelhos que mais pareciam vindos do Céu, deixaram-na fora de si!

Caminhava rapidamente em direção à árvore quando, de repente, sentiu a terra tremer e ouviu um rugido tão forte que julgou ser o anúncio do fim do mundo:

— Roaaarr!

— O que é isso? – perguntou-se, assustada, a formiguinha.

Andando com mais vagar pôde ver do que se tratava: havia-se deparado com o leão! Seu pelo era dourado e brilhante, e uma enorme juba

cercava-lhe a cabeça. A cauda, longuíssima, balançava ameaçadora... Mas o que mais assustava era o tamanho de suas patas! Com um só passo seria capaz de arruinar a mais sólida fortaleza das formigas!

Não se podia negar, porém, quão imponente e majestosa era sua presença. Erguido sobre uma colina, o rei dos animais parecia fazer par com o astro rei, que naquela hora deitava seus derradeiros raios colorindo belamente o céu.

Apesar do medo, Luísa não pôde conter uma exclamação! Em seus ouvidos ressoavam as palavras da formiga-mestra: “Com o leão não se brinca! Nem sonhem em aproximar-se dele, e muito menos dirigir-lhe a palavra, se quiserem viver”. Mas Luísa era ousada...

Num misto de temor e admiração, foi andando em direção à fera, pois queria fazer-lhe um pedido: que pegasse para ela uma cereja daquela árvore que ela nunca conseguiria escalar. Será que o rei dos animais a atenderia?

Se aproximar-se dele já era uma loucura, quanto mais o seria pedir-lhe esse pequeno serviço. Sim, mas a nossa formiguinha se sentiu tão arrebatada por sua grandeza e majestade que esqueceu todos os princípios de prudência aprendidos desde o berço!

Foi então ao encontro do leão e o cumprimentou, mas... o rei dos animais a ignorou por completo. Então, olhando firmemente para ele, disse-lhe com decisão.

— Ó rei dos animais, não vês esta tua irmãzinha, tão eficaz, tão produtiva, tão tenaz no seu trabalho? Por que me desprezas com tanta displicência?

O leão, contendo-se, respondeu:

— Ó, pobre formiga, se soubesses quão vastos horizontes enxergam os meus olhos, como minhas vistas foram feitas para atin-

gir regiões longínquas! E agora vens tu, ó pobre insignificante, querer atrair a minha atenção tão feita para outros páramos?

Com muita esperteza a formiga retrucou:

— Ó leão, me alegro de estar à vossa sombra, ou, melhor, protegida pela luz da vossa força. Vós fostes criado por Deus para representar a majestade tanto no ataque quanto na defesa! E não sabeis quanta admiração causais nessas vossas tão pequeninas e tão frageizinhas irmãs. As formigas vos veneram, ó leão!

Então, ele exclamou:

— Uá!!! Nunca pensei que pudessem aparecer um pensamento tão sublime num inseto tão insignificante!

Mas Luísa ainda não havia terminado. Recobrando o fôlego, continuou:

— Eu sou tão frágil, tão nada, tão pequenininha, que faço um esforço enorme para me deslocar. O espa-



**“Eu sou tão frágil, tão pequenininha...
Olhai para esta vossa irmãzinha
e ajudai-lhe!”**

ço por vós alcançado num só pulo exige de mim uma longa caminhada.

Entretanto, tenho a felicidade de contemplar a vossa grandeza.

Será que vós não podeis deitar daí do alto uma nesga de olhar para esta pobrezinha, inseto insignificante como dissestes há pouco? Olhai para esta vossa irmãzinha e ajudai-lhe.

— O que queres, formiguinha?

— Ó venerável rei, andando pelos vales e pelos montes pude conhecer muitos frutos. Entretanto nenhum deles se compara ao que hoje vi: a cereja. Como gostaria de poder ter um fruto dessa árvore, mas o meu tamanho não o permite. Será que não teríeis a bondade de colher uma cerejinha para mim? Basta uma e serei eternamente grata a vós, pois sendo tão grande sois capaz de auxiliar o menor de todos os animais.

— Só isso, pequena formiga? – respondeu o leão, acenando bondosa e majestosamente com a cabeça.

A seguir, caminhou até a cerejeira, escolheu um belo ramo carregado de frutos e o tomou com suas poderosas garras. E, sabendo da dificuldade que Luísa teria em carregá-lo, levou-o ele próprio até “fortaleza” das formigas, que para ele não era mais que um amontoado insignificante de terra.

Mesmo assim, depositou-o cuidadosamente junto à entrada principal, e, num gesto digno de cavaleiro, fez uma vênia para a formiga. Mais do que aquelas deliciosas cerejas, ela conquistara a amizade do leão, dando para nós, humanos, uma lição de como alcançar, com temor, admiração e humildade, a benevolência de Deus. ✧



OS SANTOS DE CADA DIA

- 1. Santos Justino Orona e Atilano Cruz**, presbíteros e mártires (†1928). Sacerdotes mexicanos assassinados durante as perseguições contra a Igreja.
- 2. Beato Pedro de Luxemburgo**, Bispo (†1387). Nomeado Bispo muito jovem, destacou-se por sua humildade, penitências e devoção à Santíssima Virgem.
- 3. São Tomé, Apóstolo.**
São Raimundo Gayrard, leigo (†1118). Ao ficar viúvo, dedicou-se às obras de caridade, fundou um hospital e foi admitido entre os cônegos da basílica de São Saturnino, em Toulouse, França.
- 4. Santa Isabel**, rainha (†1336 Estremoz - Portugal).
Beato Pedro Jorge Frassati, leigo (†1925). Jovem italiano que, sendo de uma família enriquecida, alistou-se em associações de leigos católicos nas quais se dedicou com toda energia às obras de caridade.
- 5. XIV Domingo do Tempo Comum.**
Santo Antônio Maria Zaccaria, presbítero (†1539 Cremona - Itália).
Beatos Jorge Nichols e Ricardo Yaxley, presbíteros, **Tomás Belson**, seminarista, e **Hunfredo Pritchard**, mártires (†1589). Mortos na Inglaterra durante as perseguições de Isabel I.
- 6. Santa Maria Goretti**, virgem e mártir (†1902 Nettuno - Itália).
Beata Maria Teresa Ledochowska, virgem (†1922). Nobre austríaca, fundadora do Instituto de Missionárias do Sodalício de São Pedro Claver, dedicado a auxiliar as missões na África.
- 7. Beata Maria Romero Meneses**, virgem (†1977). Religiosa salesiana nicaraguense enviada à Costa Rica onde, durante quarenta e seis anos, dedicou-se à formação das jovens.
- 8. Santos Agostinho Zhao Rong**, presbítero, e **companheiros** (†séc. XVII-XX China).
Beato Mâncio Araki, mártir (†1626). Morreu encarcerado em Shimabara, Japão, por ter dado refúgio em sua casa a um sacerdote, o Beato Francisco Pacheco.
- 9. Santa Paulina do Coração Agonizante de Jesus**, virgem (†1942 São Paulo).
Beata Joana Scopelli, virgem (†1491). Religiosa carmelita, fundou em Reggio Emilia, Itália, um mosteiro do qual foi priora. Destacou-se por sua grande devoção a Nossa Senhora e suas austeras penitências.
- 10. Santo Apolônio de Sardes**, mártir (†séc. inc.). Sofreu o martírio da crucifixão em Icônio, na atual Turquia.
- 11. São Bento**, abade (†547 Monte Cassino - Itália). Padroeiro da Europa.
Santo Abúndio, presbítero e mártir (†854). Morto em Córdoba, durante a perseguição dos mouros. Seu corpo foi exposto para ser devorado pelos cães e pelas feras.
- 12. XV Domingo do Tempo Comum.**
São Pedro Khanh, presbítero e mártir (†1842). Ao ser reconhecido como sacerdote enquanto passava por uma alfândega, foi preso, torturado e decapitado em Nghê An, Vietnã.
- 13. Santo Henrique**, imperador (†1024 Grone - Alemanha).
Beato Fernando Maria Baccieri, presbítero (†1893). Fundou em Galeazza, Itália, a Congregação das Servas de Maria.
- 14. São Camilo de Lellis**, presbítero (†1614 Roma).
São Francisco Solano, sacerdote (†1610). Missionário franciscano, pregou o Evangelho nos mais longínquos lugares da América do Sul.
- 15. São Boaventura**, Bispo e Doutor da Igreja (†1274 Lyon - França).
Beata Ana Maria Javouhey, virgem († 1851). Fundou a Congregação das Irmãs de São José de Cluny.
- 16. Nossa Senhora do Carmo.**
Santo Atenógenes, mártir (†c. 305). Foi queimado vivo, após ter deixado aos seus discípulos em herança um hino sobre a divindade do Espírito Santo.
- 17. Beatos Inácio de Azevedo**, presbítero, e **trinta e nove companheiros**, mártires (†1570 Ilhas Canárias - Espanha).
Beatas Teresa de Santo Agostinho e quinze companheiras, virgens e mártires (†1794). Religiosas do Carmelo de Compiègne, guilhotinadas durante a Revolução Francesa.
- 18. São Bartolomeu dos Mártires**, bispo (†1590). Nascido em Lisboa, ingressou na Ordem dos Pregadores. Enquanto Bispo de Braga pôs em prática as orientações do Concílio de Trento, no qual participou.
- 19. XVI Domingo do Tempo Comum.**
Santo Epafras, discípulo de São Paulo. Pregou o Evangelho em Colosso, Laodicéia e Hierápolis.
- 20. Santo Elias Tesbita**, profeta.

Santo Apolinário, Bispo e mártir (†c. séc. II Ravena - Itália).

Santo Aurélio de Cartago, Bispo (†c. 430). Íntimo amigo de Santo Agostinho. Eleito bispo de Cartago, preservou sua grei dos costumes pagãos.

21. São Lourenço de Brindisi, presbítero e Doutor da Igreja (†1619 Lisboa).

Santo Alberico Crescitelli, presbítero e mártir (†1900). Sacerdote das Missões Estrangeiras submetido a brutais torturas e finalmente esquartejado pelos adeptos da seita Yihetuan, na China, durante a guerra dos Boxers.

22. Santa Maria Madalena.

São Filipe Evans e São João Lloyd, presbíteros e mártires (†1679). Enforcados durante o reinado de Carlos II da Inglaterra, por exercerem em sua pátria o ministério sacerdotal.

23. Santa Brígida, religiosa (†1373 Roma). Padroeira da Europa.

Beato Basílio Hopko, Bispo e mártir (†1976). Bispo auxiliar de Presov, Eslováquia, preso e submetido a torturas por exercer seu ministério pastoral. Morreu em decorrência de grave enfermidade contraída no cárcere.

24. São Charbel Makhluf, presbítero (†1898 Anaia - Líbano).

Santa Cunegundes, religiosa (†1293). Filha do rei da Hungria, casada com o Príncipe de Cracóvia, Polônia. Viveram ambos em



Santo Henrique, imperador Igreja de Santa Catarina, Thannenkirch (França)

perfeita castidade. Após a morte do esposo, fez-se religiosa clarissa no mosteiro por ela fundado em Stary Sacz.

25. São Tiago Maior, Apóstolo.

Beatos Rodolfo Aquaviva, Afonso Pacheco, Pedro Berna, Antônio Francisco, presbíteros, e **Francisco Aranha**, religioso, mártires (†1583). Missionários da Companhia de Jesus na Índia, mortos por ódio à Cruz.

26. XVII Domingo do Tempo

Comum.

São Joaquim e Sant'Ana, pais de Maria Santíssima.

São Jorge Preca, presbítero (†1962). Dedicou-se à formação catequética dos jovens e fundou

na Ilha de Malta a Sociedade da Doutrina Cristã.

27. São Pantaleão, mártir (c. †305). Exerceu a medicina em Nicomédia, atual Turquia, sem receber recompensa alguma por seu trabalho. No Real Mosteiro da Encarnação, Madri, conserva-se uma relíquia de seu sangue, que se liquefaz na véspera de sua festa

28. São Vítor I, Papa (†c. 200). De origem africana, estabeleceu que o dia da Páscoa fosse celebrado em toda a Igreja no domingo seguinte à Páscoa judaica.

29. Santa Marta.

Beatos Luís Bertran, Mancio da Santa Cruz e Pedro de Santa Maria, mártires (†1627). Missionários espanhóis queimados vivos em Omura, Japão.

30. São Pedro Crisólogo, Bispo e Doutor da Igreja (†c. 450 Ímola - Itália).

Beato Zósimo Izquierdo Gil, presbítero e mártir (†1936). Sacerdote fuzilado durante a Guerra Civil Espanhola. No cárcere, ouvia em confissão aos presos e rezava com eles o rosário.

31. Santo Inácio de Loyola, presbítero (†1556 Roma).

São Fábio, mártir (†303-304). Cristão condenado à morte em Cesareia da Mauritânia, atual Argélia, por recusar-se a portar a bandeira do governador numa cerimônia pagã.



Os Santos do dia, na internet

Acompanhe *Os Santos de cada Dia* em nosso website introduzindo o QR-Code anexo no seu celular. Ali encontrará uma listas de Santos em destaque, artigos relacionados e uma galeria de fotos diferente a cada dia



Palácio ou caverna?

Nos momentos de fervor, sentimo-nos chamados a cintilar quais gemas preciosas, reluzentes de santidade. Em certo momento, porém, Deus permite que essas luzes se apaguem...



Ir. Angelis David Ferreira, EP

Mar, rochas, sol... Elementos tão díspares entre si, mas que formam uma belíssima combinação! Juntos, criam espaços harmônicos, próprios a produzir bem-estar e encher de alegria a alma admirativa.

A famosa Ilha de Capri, no sul da Península Itálica, abriga a Gruta Azul, onde um extasiante fenômeno se passa. Banhada pelo mar em seu interior pétreo, uma coloração azul brilhante recobre todo o bojo da caverna ao serem iluminadas suas águas pelo sol. Durante o dia, as paredes não parecem feitas de pedra bruta, mas sim talhadas numa enorme safira!

Ora, se tivéssemos a oportunidade de visitar essa gruta ao anoi-

tecer, perceberíamos que, na verdade, aquelas rochas nunca foram safiras, nem a feérica luz era inerente à caverna. Constataríamos com tristeza como o fabuloso cenário, que parecia saído de um conto de fadas, ia aos poucos se transformando numa sombria morada de morcegos...

Talvez um veio azul de quase insignificante brilho, delineado sobre a superfície das águas, lembrasse que a Lua estava a brilhar no exterior; nada mais... Até o vento uivaria frio e inóspito na gruta, ao passo que, enquanto raiava o sol, discreto rumorejo acompanhava uma suave e fresca brisa.

Algo semelhante se dá com a alma em estado de graça. Pela ação

do Espírito Vivificador, as toscas pedras de seu interior são tomadas pela luz sobrenatural. Entretanto, à diferença do que acontece na referida caverna – cujas paredes jamais se tornaram, de fato, safiras –, a graça nos faz participar efetivamente da vida divina.

Nos momentos de fervor, sentimo-nos chamados a cintilar quais gemas preciosas, reluzentes de santidade. Tudo se reveste de brilho, de cor, de encanto. Batem brisas refrigeradoras, as águas atingem uma temperatura ideal e o sol não tortura com seu calor.

Em certo momento, porém, Deus permite que essas luzes se apaguem e que o demônio sussurre aos nos-



A Gruta Azul, por Carl Friedrich Seiffert (1860) - Alte Nationalgalerie, Berlim

sos ouvidos: “Não vês quanta mentira? Tudo o que julgaste ser verdadeiro não passa de ilusão transitória! Eis a realidade: frio, feiura, morcegos, escuridão”.

Tal feeria terá sido, então, mera imaginação? Porventura o Altíssimo nos convidaria às sublimidades do sobrenatural sem nos dar a capacidade de chegarmos até as alegrias

eternas? Nossas misérias e insuficiências prostrar-nos-iam para sempre no que há de mais vil?

Em quem acreditaremos? No Deus da Verdade, ou no pai da mentira? A resposta não pode ser mais óbvia.

Contudo, se os ardis infernais forem constantes, ameaçando abalar nossa esperança, não tenhamos dú-

vida: ajoelhem-nos, juntemos as mãos e elevemos nosso coração, confiantes, Àquela que é a Mãe de Misericórdia. Nossa Senhora conhece e ama os desígnios de seu Divino Filho a nosso respeito, e Ela mesma cumprirá a promessa de transformar nossa sombria e tosca gruta interior num estupendo palácio, cheio de luz e de glória! ✨



Renascidos no Coração de Maria

Paráclito havia Se unido a Maria de maneira tão íntima e profunda que ambos formavam, por assim dizer, um só espírito: o Consolador tudo realizava por meio de sua Esposa e em seu interior gerava todas as graças. Mas era preciso que Nossa Senhora fosse como que introduzida no seio da Santíssima Trindade a fim de, daí em diante, atuar com a força e a intensidade das Três Pessoas Divinas, para o benefício da Igreja. Isso só seria possível através do Espírito Santo, pois o vínculo existente entre os dois Lhe comunicava todos os direitos de seu Esposo místico, permitindo-Lhe agir em nome d'Ele e com seu mesmo poder.

O desponsório espiritual realizado na Anunciação já outorgara à Virgem esse dom, mas, em atenção à missão de Jesus, ele se manteve oculto no seu Coração. Em Pentecostes a força divina que ali palpitava desabrochou e se expandiu para o Colégio Apostólico, e todos passaram a participar dos dons, virtudes e carismas da alma de Nossa Senhora; em suma, tornaram-se um desdobramento d'Ela para o mundo. E, como eles renasceram no Coração de Maria pela ação do Espírito Santo, sua missão ficou ligada a Ela para sempre.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP